

**Universidade Estadual de Goiás**  
**Unidade Universitária de Itaberaí**

Andreia Cordeiro de Santana  
Taynara Gomes da Silva Rodrigues

**Sexualidade: Concepção do Professor**

Itaberaí  
Dezembro/2014

Andreia Cordeiro de Santana  
Taynara Gomes da Silva Rodrigues

## **Sexualidade: Concepção do Professor**

Trabalho de Conclusão apresentado à  
Universidade Estadual de Goiás como  
critério para a obtenção de título de  
Licenciatura Plena em Pedagogia sob a  
orientação da Prof. Esp. Sônia Helena  
Carneiro Pinto.

Itaberaí  
Dezembro/2014

Andreia Cordeiro de Santana  
Taynara Gomes da Silva Rodrigues

### **Sexualidade: Concepção do Professor**

Trabalho de Conclusão apresentado à  
Universidade Estadual de Goiás como  
critério para a obtenção de título de  
Licenciatura Plena em Pedagogia sob a  
orientação da Prof. Esp. Sônia Helena  
Carneiro Pinto.

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

Banca examinadora.

---

Prof. Ms. Sebastião Alonso Junior  
Universidade Estadual de Goiás

---

Prof. Esp. Rose Mary Erica Gian Carla Peraza Meira de Oliveira  
Universidade Estadual de Goiás

---

Prof. Esp. Sônia Helena Carneiro Pinto  
Universidade Estadual de Goiás

Dedicamos este trabalho a Deus por nos ter dado força, sabedoria, paciência e nos ter orientado durante essa caminhada.

Agradecemos primeiramente a Deus, por ter nos dado sabedoria, ao cônjuge da acadêmica Taynara, Antônio Miguel de Sousa Filho e família, por nos ter apoiado e incentivado, aos nossos pais, os nossos colegas de faculdade e nossa orientadora por nos ter auxiliado e acreditado na nossa capacidade.

“É preciso viver relativamente bem a sexualidade. Não podemos assumir com êxito pelo menos relativo, a paternidade, a maternidade, o professorado, a política, sem que estejamos mais o menos em paz com a sexualidade”.

Paulo Freire

## RESUMO

A sexualidade é um tema muito discutido nos dias atuais, necessitando de maiores reflexões nas escolas, pois se percebe que existe uma grande preocupação dos professores quando esse assunto é abordado em sala de aula, pois grande parte deles não consegue e nem se prepara adequadamente para tratá-lo com espontaneidade. Nesse caso a formação do professor é um aspecto relevante, pois se espera que a formação inicial e continuada permita sua capacitação, proporcionando a ele instrumentalização para trabalhar com diversos temas como sexualidade, para que os alunos se tornem bem resolvidos com sua sexualidade. Então, procura-se responder a questão: Qual a concepção que o professor possui sobre a sexualidade? Para responder formou-se o seguinte objetivo: Compreender a concepção que o professor possui sobre a sexualidade, identificando seu conceito e refletindo sobre seus posicionamentos referentes ao tema. Para melhor compreensão do tema, traçou-se um breve histórico buscando entender os diversos conceitos que abordaram o tema sexualidade. Como metodologia optou-se pela pesquisa teórica empírica e quantitativa, assim procura-se analisar de forma lógica e objetiva todas as evidências para a comprovação de suas argumentações de maneira intensa e evidente. Espera-se baseada na pesquisa de campo perceber dificuldades, tabus, preconceito, constrangimento e a desinformação que colocam barreiras nas abordagens do tema, sugerindo uma reflexão acerca da formação específica dos professores, possibilitando um repensar sobre a Educação Sexual.

**Palavras- chave:** Sexualidade, Concepção do Professor, Orientação Sexual.

## **ABSTRACT**

Sexuality is a topic much discussed today, requiring greater reflection in schools because it is perceived that there is a great concern of the teachers when this topic is discussed in class, because most of them can not and will not prepare adequately for treat it spontaneously. In this case the teacher training is an important aspect, because it is expected that the initial and ongoing training allows your training, giving him instrumentation to work with diverse themes such as sexuality, so that students become well settled with their sexuality. So, we try to answer the question: What is the concept that the teacher has on sexuality? To answer graduated the following objective: To understand the concept that the teacher has on sexuality, identifying its concept and reflecting on their positions on the topic. For better understanding of the subject, drew up a brief history seeking to understand the various concepts that have addressed the sexuality. The methodology we chose the empirical and theoretical quantitative research, so we try to analyze logically and objectively all the evidence to prove their arguments intense and obvious way. It is expected based on field survey perceive difficulties, taboos, prejudice, embarrassment and misinformation that put barriers in the approaches of the topic, suggesting a reflection on the specific teacher training, providing a rethink on Sexual Education.

Key word: Sexuality, Design Teacher's Sexual Orientation.



## LISTA DE GRAFICO

Gráfico 1 – Questão 1	40
Gráfico 2 – Questão 2	42
Gráfico 3 – Questão 3	43
Gráfico 4 – Questão 4	44
Gráfico 5 – Questão 5	45
Gráfico 6 – Questão 6	47
Gráfico 7 – Questão 7	48
Gráfico 8 – Questão 8	49
Gráfico 9 – Questão 9	50
Gráfico 10 – Questão 10	53

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – DIFININDO SEXO E SEXUALIDADE	11
1.1 Um Breve Histórico.....	11
1.2 Sexualidade e Educação.....	17
CAPITULO II – A IMPORTANCIA DA SEXUALIDADE SEGUNDO OS PROFESSORES	26
CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58
APÊNDICES	61
Apendice A – Registro de Entrevistas.....	62
Apendice B – Autorização de Entrevistas.....	61

## INTRODUÇÃO

O tema sexualidade atualmente tem sido abordado com mais interesse, pois nota-se que além de polêmico é necessário ser compreendido do ponto de vista pedagógico, sabendo que ela complementa a construção da identidade da criança, estando presente na vida ações e sentimentos dos seres humanos.

No ponto de vista social a sexualidade além de recusada, é muitas vezes desfalçada da vida do indivíduo, devido ao despreparo do professor, aos tabus ainda existentes, que privam muitas vezes as crianças de terem respostas claras as suas dúvidas. Todo esse contexto está associado ao processo histórico da sexualidade, que no decorrer do tempo sempre foi percebida e relacionada com o ato sexual, sendo inadmissível e recusada a sua existência na vida do ser humano, no qual muitas vezes foi transmitida culturalmente como um aspecto imoral, sujo e determinada apenas para fins reprodutivos.

Nesse caso, se faz necessário refletir e se preocupar como a sexualidade vem sendo trabalhada nas escolas, e o quanto o professor tem se preparado para lidar com a temática, considerando que também é essencial o envolvimento da família e da sociedade nesse processo.

Com base nessa problemática procura-se entender a concepção dos educadores acerca da sexualidade das series iniciais do Ensino Fundamental I e II. Para alcançar este objetivo foi proposto uma investigação por meio de questionários na Escola Municipal Padre Elígio, na cidade de Itaberaí, com o intuito de descobrir como a escola e o corpo docente estão desenvolvendo seus papeis de Orientadores Sexuais, tendo a consciência de que seu papel é fundamentalmente importante para a formação de indivíduos críticos sobre sua sexualidade tornando-os capazes de tomar decisões conscientes.

## **CAPÍTULO I – DIFININDO SEXO E SEXUALIDADE**

Este capítulo fará breve histórico de como surgiu o termo sexualidade, das primeiras concepções, e de várias transformações que ocorreram ao passar do tempo, tentando entender assim os fatores que levaram as concepções atuais, e ao comportamento do ser humano ao tratar do tema.

### **1.1 Um Breve Histórico**

A sexualidade abrange em aspectos gerais características sociais, emocionais, estando presente nas relações interpessoais e com o ambiente, tornando-se essencial para a vida do indivíduo. Nesse caso, Figueiró (2006, p. 2) esclarece:

Sexualidade, por sua vez, inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade. Inclui, também, os valores e as normas morais que cada cultura elabora sobre o comportamento sexual.

Nunes (1987) ao discorrer a história da sexualidade explica que, esta é marcada por grandes paradigmas influenciados por diferentes contextos culturais, religiosos, econômicos e políticos. Nesse caso acredita-se que se deve perceber a sexualidade em sua verdadeira essência, ou seja, considerando sua formação histórica e social, buscando entender suas raízes e as mudanças ao decorrer do tempo.

O surgimento da sexualidade humana aparece, inicialmente, no período Paleolítico, por meio de amostras artísticas como: pinturas, gravuras nas cavernas ou esculturas que priorizavam as partes íntimas do corpo feminino, especificamente a vagina que era representada por um triângulo. Essas manifestações mostravam que os povos desta época ressaltavam a fertilidade como um símbolo de vida.

Neste sentido Nunes (1987, p59), afirma que:

Na maior parte do matriarcalismo primitivo há um culto à fertilidade feminina. Podemos afirmar que no matriarcado primitivo as divindades são concebidas como elementos primevos femininos e variam em características e formas envolvendo a fertilidade. Como consequência a sexualidade, ao se ver envolvida de uma significação mítica, é

concebida como sagrada e divina, com o predomínio da função da mulher como apanágio feminino.

Assim Nunes (1987) explica que, recebe o nome de matriarcalismo, pelo fato de que as mulheres eram as responsáveis pelas atividades que, mantinham a sobrevivência dos membros de determinadas sociedades. Tais comunidades visavam a sexualidade como algo mítico, na qual cultuavam a fertilidade feminina, sendo o ato sexual percebido com naturalidade pelos pertencentes a essas comunidades, pois tanto a mulher quanto o homem, buscavam no ato sexual apenas a satisfação física, desconsiderando aspectos emocionais e pessoais durante a relação.

Inicia-se nesse período também o conceito de família, pois, devido ao modo de vida dessas tribos serem em cavernas, era normal praticar o incesto, e só quando passaram a ter contato com outras tribos, é que se finalizou os relacionamentos incestuosos, sendo considerado o primeiro tabu da humanidade. Nesse caso, pode-se perceber, o início da união conjugal e entender o fato da sociedade julgar o incesto como algo imoral, pois vai contra os princípios de uma base familiar.

A sexualidade é permissiva, com o acasalamento permanentes, semipermanentes ou casuais. O ato sexual é voltado exclusivamente para satisfação física. Passados milhares de anos, o homem Paleolítico começa a estabelecer normas relativas a sexualidade e, com o contato entre as tribos, que permite o acasalamento externo, surge o tabu do incesto, no sentido mãe/filho [...] (SEIXAS, 1998. p.27).

Essa visão matriarcal e a forma como ela acontecia, passa a se transformar no momento em que a figura de provedor é transferida para o papel masculino, no período Neolítico, pois segundo Nunes (1987, p.60), o homem passa a ser pai ou chefe, devido ao domínio dos meios de produção. Com isso surgiu a necessidade de defender seu território, constituindo assim o poder real e a religião, entendendo também que a mulher era sua propriedade.

No final do período Neolítico, a percepção a respeito da sexualidade transformou-se com a formação do povo Hebreu, pois o importante para eles era a origem da família, sendo o filho homem, o verdadeiro significado dela, e já a mulher vista como um grande prejuízo devido aos dotes que o pai pagaria no casamento.

Os hebreus destinavam o sexo à procriação dos filhos, que era uma tarefa destinada por Deus. Feliz o homem cuja família era numerosa.

Era sábio ter filhos, logo, a relação sexual tornava-se bem vista. O aborto era crime, pois evitando-se que um filho homem fosse trazido ao mundo, estaria sendo negado ao pai, o direito de sobreviver através do filho (SPITZNER, 2005, p. 21).

Devido a essa nova percepção sobre a sexualidade no qual o homem passa a assumir o papel que antes era feminino, ela começa a ser percebida como forma de controle e submissão social a cultura e costumes edificadas. Essa mesma percepção de patriarcalismo é defendida pela cultura grega, no qual Nunes (1997, p. 70) diz que:

“A sexualidade está em sua cultura misturada com seus deuses, sua religião e seus conhecimentos [...] a sexualidade grega envolvia a submissão da mulher, a exclusividade dos homens nos jogos e nas festas, na vida militar e administrativa”.

Nunes (1987) descreve nesse aspecto que, essas mudanças na perspectiva de sexualidade mostra que a cultura grega passa a ver a mulher como propriedade do homem, deixando de ser valorizada, tendo o papel somente de reprodução humana como assim dizia a religião. Enquanto o homem tem total liberdade de expressar sua sexualidade, tendo livre-arbítrio no casamento ou fora dele.

A mulher pertencia ao marido e estava proibida de ter outras relações sexuais, mas o marido era livre e senhor de sua conduta, não havia sanções sociais que o impedissem de ter outras relações hetero ou homossexuais fora da sua casa (NUNES, 1987, p.71).

Nesse caso, entende-se que o valor da mulher comparava-se a qualquer outro bem que o marido possuía, não tendo nenhum direito de expressão. Com o passar do tempo ocorreram várias mudanças no contexto social que fizeram com que o conceito de sexualidade se transformasse.

(ARIÈS, DUBY, 1995) pondera que, essa visão de mulher submissa ao marido também era defendida na Roma Antiga, porém com mais liberdade sexual do que as mulheres gregas, pois além da exaltação a fertilidade e a procriação, era permitida a elas sentirem prazer. Havia muitas festas de exaltação a fertilidade, no qual era comum cultos ao deus Baco, sendo permitido excessos, onde as pessoas iam com a intenção de beber e divertir-se.

Era normal durante as festas a adoração ao órgão sexual masculino com flores levadas por mulheres importantes da sociedade. Sendo que no fim das festas o sexo

passava a ser um direito ou até mesmo um dever. Havia também nessa época a adoração de Príapo, o deus da fertilidade, por meio de um talismã em forma de pênis ereto, acreditando trazer sorte e fortuna e também tornar-se férteis e aumentar a potência sexual.

Os romanos viam a nudez como algo normal não sentindo desconforto com o que presenciavam, era também aceito e comum o homossexualismo masculino, já o feminino era mal visto. Quanto a isso Aries afirma:

Não se estabelece distinção entre amor homossexual e amor heterossexual; o prazer físico é visto como uma continuidade subjacente entre os dois. O prazer enquanto tal não coloca nenhum problema para o moralista de classe superior. Em compensação, julga-se – e muito severamente – o efeito que tal prazer pode exercer sobre o comportamento público e as relações sociais do homem: a vergonha que pode levar um homem das classes superiores a submeter-se ou fisicamente, adotando uma posição passiva no ato sexual, ou moralmente, entregando-se a um inferior de qualquer sexo (ARIÈS, DUBY, 1995, p. 232).

O que era aceito na Roma antiga, na Idade Média passou a ser visto como algo negativo e cheio de repúdios, pois era o moralismo religioso quem a dominava, ditando a sociedade um modelo a ser seguido, e punindo toda e qualquer expressão sexual. Algumas das punições exercidas nesse período segundo Nunes (1987 p.87), era que os clérigos e freiras pegos em pecado eram queimados e enforcados e homens e mulheres teriam suas partes sexuais queimadas.

Percebe-se que a rigidez ao se tratar de sexualidade nessa época era demonstrada por alguns pensadores da igreja Católica, que por meio de escritas transmitiam as morais a serem seguidas. Nunes (1987, p. 82) afirma que:

Nos ensinamentos dos Santos Padres da Igreja começa a tomar corpo uma moral sexual rígida e profundamente negativa, com características de exaltação da continência do celibato e repulsão de todo sexo, submissão da mulher e do corpo.

Grande parte desses ensinamentos foram baseados na ideologia de Santo Agostinho que por sua vez, entendia a sexualidade como algo imoral e com um único objetivo que era a procriação, repudiando qualquer meio de anticoncepção.

Para resolver tal desordem, Nunes (1987) explica que, Santo Agostinho, criou sua doutrina quanto ao casamento, no qual somente por ele, era permitido os atos

sexuais, pois acreditava que a sociedade era condenada e motivada pelo pecado original vindos de Adão e Eva, que atormentava o homem até a morte. Seu conceito era que, um casal poderia se preocupar em gerar filhos, porém, deveriam ter a consciência de que o ato sexual era humilhante, um rebaixamento para o homem.

Santo Agostinho levou a sociedade, a ideia de que o sexo era a sombra de algo impuro, perverso e vicioso, que ao invés de trazer felicidade, só traria ao cônjuge discórdia e a corrupção de sua natureza. Nesse caso, entende-se por que a Idade Média é um período que a sexualidade sofreu grande coação, exercida sobretudo das leis da igreja católica.

Nesse contexto, é primordial que se entenda os valores desencadeados da época, já que conforme o momento, esses valores, princípios e a cultura sofrem mudanças diferenciais entre tais períodos.

É difícil interpretar o rigor da moral sexual cristã primitiva. Possivelmente tal rigorismo seja a forma de identidade cristã ante a extrema liberdade sexual dos povos pagãos da época, que pouco a pouco “convertiam-se”, ou eram enquadrados, à moral cristã. Nunes (1997, p 82)

Seguindo essa linha do tempo acerca da história da sexualidade, é constatado que, partes das mudanças ocorridas, foram trazidas nos movimentos de Reforma e Contra Reforma, que destruíram o feudalismo e formaram uma nova classe social conhecida como Burguesia. Estes movimentos foram de suma importância, pois por meio deles se deu origem a Idade Moderna, que tinha como visão transformar os ideais propostos pela Igreja Católica.

O mundo moderno que surge é um mundo profano, crítico, liberal, que elege a razão como nova forma de compreensão do mundo rejeitando a fé e os dogmas medievais (NUNES, 1987, p 91).

Com tudo, o pensamento a respeito da sexualidade, não é diferenciado nos ideais de Lutero, ainda assim, está vinculada a teoria defendida por Santo Agostinho, que foi fortalecida devido a necessidade de controlar o capitalismo, acreditando ser necessário reprimir a energia sexual, para que a mão de obra pudesse aumentar o capital. Para exercer tal autoridade, a sexualidade passa a ser controlada em tudo que possa deixa- lá exposta. Um exemplo disso, eram que todos os livros que falassem



de sexo deveriam ser eliminados. “O sexo é o grande inimigo do trabalho, agora a nova forma de compreender o homem” (NUNES 1987, P. 92).

Essa contenção sexual aumentou drasticamente com o início da Idade Moderna, exercendo controle por meio da moralidade social, no qual implicava que toda a expressão sexual eram aberrações e deveriam ser exterminadas, de maneira que iam desde a cauterização do clitóris nas meninas, à amarrar as mãos dos jovens para evitar a masturbação.

O sexo é reduzido ao privado e com fim procriativo. À concepção de racionalidade e eficiência burguesa soma-se a produtividade. O sexo subjetivo, humano, prazeroso desaparece. O corpo é negado no trabalho e na repressão sexual. O “eu” corporal não existe; existem, sim, a civilidade e a máscara social. Sobre o sexo nasce a cultura da vergonha e do pecado em níveis tão profundos que nem mesmo a Idade Média tinha conseguido (NUNES, 1987, p.93).

Por meio da citação de Nunes é possível perceber que na Idade Moderna, a repressão a sexualidade foi ainda maior que na Idade Média. Dois grandes fatores iniciam as mudanças no pensamento sexual, sendo eles a medicina e os movimentos de libertação sexual.

De diversas formas explodem os movimentos de contestação [...] em todos esses movimentos estava presente a libertação sexual, que era símbolo e matriz de outras liberdades exigidas. (NUNES, 1987, p. 98).

Os movimentos sociais ocorridos no século XX, como a primeira Guerra Mundial e a luta das mulheres pelo direito ao voto, universidade e vida profissional, motivados pelo progresso tecnológico, fez com que o capitalismo aumentasse, mostrando ao homem que o importante era consumir e possuir coisas ao invés de ser e/ou saber.

Em todos estes movimentos estava presente a libertação sexual, que era símbolo e matriz de outras liberdades exigidas. Mas o capitalismo apreendeu a sexualidade como o grande grito e a incorporou à sua máquina de consumo: toda a propaganda passa a falar de sexo, a estimular e referir-se aos anseios sexuais de nosso tempo. Até mesmo as coisas mais simples são vendidas com o distintivo do sexo. A luta da mulher é estigmatizada e a mulher é a "garota propaganda" do consumismo. Seu próprio corpo é consumido (NUNES, 1987, p. 98).

Nesse caso, é possível perceber que, o capitalismo tem o poder de apropriar-se de ideias para garantir lucro e controle a qualquer custo, fazendo assim com que, as pessoas tenham uma nova visão quanto ao sexo, no qual este passa a ser visto como algo quantitativo, deixando de lado os aspectos como sentimento e afeto. Spitzner (2005) descreve que, com essa nova visão, houve grande aumento na produção de objetos ligados ao sexo, juntamente com a indústria pornográfica e o abuso sexual.

A mulher agora passa a ser percebida como um objeto sexual, usada sobretudo pela mídia que tem como objetivo lucrar em cima das exposições de corpos femininos perfeitamente esculpidos, fazendo com que o sexo e a sexualidade passem a ser vistos como algo banal, Spitzner (2005, p.72) assegura que:

Em nossos dias, a sexualidade é tratada de forma banal influenciando no comportamento dos jovens e adolescentes. Os jovens sofrem a todo instante a influência da mídia com mensagens que vendem um dos produtos mais desejados: o sexo. A mercadoria está disponível na internet, no rádio, na televisão, no sexo virtual nos namoros eletrônicos, nos rádios, nas bancas de jornal e livrarias, gerando informações distorcidas e levando à prática desenfreada de impulsos e desejos.

(NUNES, 1987) traz uma reflexão mostrando que, contudo, a repressão sexual e a quebra desse sistema, fez da sociedade uma completa alienada pelos meios de comunicação social, perdendo assim, a capacidade de pensar, a autonomia e sem o poder de ter opinião e críticas próprias, no qual, se perdem cada vez mais valores humanizados, adquirindo no lugar, comportamentos e ideais lançados pelas mídias que, está sempre ditando modelos a serem seguidos e automaticamente excluindo e ridicularizando aqueles que não os seguem.

Todas essas mudanças, ideais e significados do sexo e da sexualidade foram fatores primordiais para sua visão atual, no qual ainda existem grandes tabus para sua melhor compreensão, pedindo algo a mais quanto a capacidade de conhecer, respeitar e humanizar seu verdadeiro significado.

## **1.2 Sexualidade e Educação**

A sexualidade é percebida como algo essencial ao ser humano, pois se manifesta em sua vida desde o nascimento até o momento em que morre, ocorrendo

de diferentes formas de acordo com cada etapa do seu desenvolvimento. Nesse caso, é perceptível que assim como a inteligência, a sexualidade será construída desde as suas possibilidades pessoais até a sua interação como o meio social.

Cabe no entanto, abordar o tema sexualidade e seu significado, já que muitas vezes, este é confundido ou igualado a sexo, que por sua vez se encontra como sinônimo de sexualidade, limitado a noção de genitalidade e de práticas sexuais.

Segundo Guimarães (1995):

Sexo é relativo ao fato natural, hereditário, biológico, da diferença física entre o homem e a mulher e da atração de um pelo outro para a reprodução [...] No senso comum sexo é “relação sexual”, “orgasmo”, “órgãos genitais”, “pênis”. Sexualidade é um termo também do século XIX, que surgiu alargando o conceito de sexo, pois incorpora a reflexão e o discurso sobre o sentido e a intencionalidade do sexo[...]. Comumente é entendido como “vida”, “amor”, “relacionamento”, “sensualidade”, “erotismo”, “prazer” (p. 23-24).

Sexualidade é uma extensão exclusiva do ser humano, no qual só ele pode empregar sentidos, valores sentimentais, morais e éticos para além da reprodução no que se difere a ela, pois sendo a sexualidade uma questão ampla e social, deve ser refletida e pensada em todas as suas diversas determinações e manifestações, não podendo ser compreendida sem o seu recurso histórico.

A sexualidade pode ser reproduzida e reformulada no processo conhecido como educação sexual que, por ter um papel social, abrange regras e normas, juntamente com as estruturas de repressão sexual, no objetivo de prevalecer a ordem natural das coisas convenientes ao comportamento do indivíduo.

Para Werebe (1998) isso ocorre pelo fato de que a educação sexual é um processo que envolve um conjunto de ações propositadas e não propositadas desenvolvidas na família, na escola e em várias outras instituições sociais. Ela ainda defende que essas ações, são compreendidas pela educação sexual como aspectos presenciados na vida desse indivíduo desde o nascimento, no qual terá repercussão direta ou indireta através do seu comportamento, atitudes, pensamentos, opiniões ou qualquer valor ligados à sexualidade.

Seguindo esse pensamento, Figueiró (2006) relata que todo indivíduo é sujeito e atuante da educação sexual, que por sua vez se manifestará na escola e na família por meio de conduta moral, informações geradas pelas mídias, cultura e em situações pessoais relacionadas aos desejos frustrados ou satisfeitos.

É necessário compreender que além da família, o ambiente escolar também tem grande responsabilidade com a educação sexual, pois é nesse ambiente onde o indivíduo vai conviver, e através do meio, que irá receber diferentes aprendizagens, novos comportamentos, internalização de novas crenças, convivência com diferentes culturas e conseqüentemente novas experiências, em meio a elas a sexualidade.

Sexualidade como uma descrição geral para a série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas que se relacionam com o que Michel Foucault denominou “o corpo e seus prazeres” (WEEKS, 2010, p.43).

É perceptível que a criança diariamente viva sensações prazerosas no toque durante o banho, no abraço, no olhar e nas descobertas do seu corpo e do outro, percebendo aos poucos suas semelhanças e diferenças entre ela e os outros, descobrindo-se como gênero masculino e feminino, e naturalmente procurando respostas as suas dúvidas. É a partir dessas dúvidas, que a família e a escola tem o papel de orientação sexual, pois conforme Louro (2010) é por meio da pedagogia dos corpos que o indivíduo é ensinado sentar, falar e vestir-se de maneira adequada, segundo os padrões definidos pela sociedade, causando muitas vezes aversão as crianças que em muitas ocasiões infringem os padrões definidos pela escola.

Perante esse contexto, um dos fatores principais é a influência e o papel do professor na vida desse aluno quanto a sexualidade. Pois sabendo que é comum as manifestações sexuais no ambiente escolar, o educador deve estar preparado para lidar e problematizar, questionar, dialogar, sendo mediador entre o aluno e uma melhor compreensão quanto ao tema. Segundo os PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (1997, p.128).

Será por meio do diálogo, da reflexão e da possibilidade de reconstruir as informações, pautando-se sempre pelo respeito a si próprio e ao outro, que o aluno conseguirá transformar e/ou reafirmar concepções e princípios, construindo de maneira significativa seu próprio código de valores.

Se faz necessário que o professor entenda que trabalhar sexualidade em sala de aula, implica em formar cidadãos críticos e bem resolvidos, já que aspectos emocionais como mau humor, irritabilidade ou o fracasso do indivíduo têm na maioria das vezes, razões de sexo.

Porém, ocorre que muitas vezes é negada ao contexto cultural dos alunos a sexualidade, pois muitos educadores não sabem lidar com o assunto. Sendo ela um aspecto importante da cidadania, é fundamental que os sistema educacional, inclusive na formação de professores desempenhe a noção de corporeidade como a unidade significativa da vida.

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1997), a escola tem como função, informar e discutir os tabus, preconceitos, crenças e atitudes que existam na sociedade, sendo assim, a sexualidade deve ser tratada no coletivo, atuando em uma pedagogia que sinta e entenda o indivíduo como um corpo vivo, que participa inteiramente da vida, incluindo a educação sexual com naturalidade de forma positiva e reflexiva. FIGUEIRÓ (2004, P. 119) defende que o professor deve perceber a:

[...] educação sexual como um caminho para preparar o educando para viver a sexualidade de forma positiva, saudável e feliz e, sobretudo, para forma-lo como cidadão consciente, crítico e engajado nas transformações de todas as questões sociais, ligadas direta ou indireta a sexualidade.

Para Tonatto & Sapiro (2008), há uma grande necessidade de se trabalhar o tema, porém os professores não possuem qualificação adequada, e nesse caso, rejeitam e a classificam como algo apenas biológico, para assim se manterem preservados diante dos alunos, conservando para ele mesmo suas dúvidas, receios e ansiedades, ou seja, o educador está envolvido também em mitos, crenças e tabus.

Conforme os pensamentos de Figueiró (2004), para que esses alunos sejam educados sexualmente de maneira crítica e reflexiva, o educador necessita de uma educação continuada, no qual ele consiga desenvolver e resolver barreiras voltadas a sua própria sexualidade, para só assim contribuir coletivamente sobre o tema, sempre instigando no indivíduo autonomia, identidade cultural de seus saberes na construção de uma nova educação.

Por isso, o sentido da educação continuada é dada por meio da interação entre ela e os problemas vivenciados em sala de aula, no qual proporcionará ao professor, meios solúveis para trabalhar a sexualidade com seus alunos. Segundo os PCNs, o educador deve distinguir como normal e necessário por parte das crianças e adolescentes, manifestações objetivas a sanar curiosidades ou a busca de prazer por meio da sexualidade, já que esta, está plenamente ligada a fases do desenvolvimento do ser humano e acontecem espontaneamente.

Essas fases da sexualidades são atribuídas por Freud no final do século XIX, causando grandes polêmicas, já que, a criança era percebida como um símbolo de pureza, um ser assexuado, ou seja, sem qualquer tipo de expressão sexual. Em sua pesquisa, Freud (1905) determina como etapa do desenvolvimento da sexualidade as seguintes fases:

Fase Oral no período de 0 a 1 ano aproximadamente, no qual a região do corpo que proporciona maior prazer à criança é a boca. É pela boca que a criança entra em contato com o mundo, é por esta razão que a criança pequena tende a levar tudo o que pega à boca. O principal objeto de desejo nesta fase é o seio da mãe, que além de alimentar proporciona satisfação ao bebê.

Fase Anal no período de 2 a 4 anos aproximadamente, sendo que a criança passa a adquirir o controle dos esfíncteres a zona de maior satisfação é a região do anus.

Fase Fálica no Período de 4 a 6 anos aproximadamente. Nesta etapa do desenvolvimento a atenção da criança volta-se para a região genital. Inicialmente a criança imagina que tanto os meninos quanto as meninas possuem um pênis. Ao serem defrontadas com as diferenças anatômicas entre os sexos, as crianças criam as chamadas "teorias sexuais infantis", imaginando que as meninas não tem pênis porque este órgão lhe foi arrancado definido por Freud como complexo de castração. Ele acredita que nessa fase, não há nenhum conhecimento sobre a vagina, apenas algo intuitivo. Sendo assim, causam nas meninas a falta e a cobiça do pênis. Neste período surge também o complexo de Édipo, no qual o menino passa a apresentar uma atração pela mãe e se rivalizar com o pai, ocorrendo na menina o oposto.

Fase de Latência acontece no período: de 6 a 11 anos aproximadamente. Este período tem por característica principal um deslocamento da libido da sexualidade para atividades socialmente aceitas, ou seja, a criança passa a gastar sua energia em atividades sociais e escolares.

Fase Genital ocorre no período a partir de 11 anos, proporcionando neste período, que tem início com a adolescência, uma retomada dos impulsos sexuais, ou seja, o adolescente passa a buscar, em pessoas fora de seu grupo familiar, um objeto de amor, sendo também caracterizado por grandes transformações, pois o indivíduo buscará sair da identidade infantil para que aos poucos consiga sua autonomia e identidade adulta.

No caso, para que o educador consiga trabalhar o tema, é crucial que ele entenda e reflita sobre essa teoria, pois ela é a base que dará a ele, melhor compreensão com as dúvidas e aparições da sexualidade de seus alunos, percebendo por meio dela, que cada criança estará sempre em relação com a outra, estando sujeitas a influências afetivas e sociais nas suas escolhas e principalmente na construção da identidade e comportamento, aumentando a responsabilidade e a necessidade da orientação sexual na escola.

Nessa perspectiva, Figueiró (2004) acredita ser preciso considerar a complexidade e a responsabilidade de ensinar, pois, a cada dia, além das competências, o educador precisa saber inovar, ser criativo e quando preciso, improvisar, pensando e repensando suas práticas todos os dias. Questão essa, que inclui a sexualidade sendo um dos maiores desafios da educação, pois ela traz em si provocações e etapas ao educador, que no seu cotidiano, se depara com uma quebra nos valores morais da sexualidade, vindas das diversas transformações culturais ocorridas a partir da diversidade sexual e da liberdade sexual feminina, afetando consequentemente a relação professor – aluno.

Seguindo esse pensamento, Melo (2004) reflete a sexualidade no ponto de vista do aluno, no qual busca por meio dela sanar e entender seu papel no processo em que vive, e por outro lado o ponto de vista do professor, que além de perceber o tema como algo intrigante, ou foge para não trabalhá-lo, ou não sabe ensinar de maneira clara e específica.

Por isso, Figueiró (2004) ressalta a necessidade da sexualidade ser um ponto central na formação do professor, pois só assim será possível emancipar e promover um notável progresso no processo de aprendizagem professor e aluno.

É preciso que o educador chegue ao insight, a constatação de que cabe sim a escola a responsabilidade pela educação sexual dos alunos, mesmo até nos casos em que esses tenham na família, uma educação sexual positiva. Isto por duas razões: primeiro porque só a escola, ou em alguma instituição educacional que o educando pode ter a oportunidade de debater as questões referentes a sexualidade com outros da mesma idade e, por tanto, ouvir diferentes pontos de vistas e partilhar dúvidas e angustias comuns, sendo por que a sexualidade faz parte da educação integral do indivíduo. (FIGUEIRÓ, 1998, p. 110 apud FIGUEIRÓ, 2004 p. 139)

É direito do aluno conhecer e esclarecer dúvidas sobre seu corpo, sua sexualidade e o que ela traz de importante para sua vida, cabendo a escola entender

que trabalhando a educação sexual, está abrindo novos olhares e instigando o professor a investir continuamente na sua formação pedagógica, no qual por sua vez precisa de clareza e objetividade no intuito de oferecer melhores condições aos envolvidos nesse processo educacional, aumentando suas habilidades para ensinar e aprender educação sexual.

Nesse aspecto, SOUZA (2002, p. 119) afirma que:

As habilidades que se espera de um orientador sexual são flexibilidade, compreensão, bom senso, confiabilidade, (saber ouvir sem criticar) decisão rápida, mente aberta e personalidade equilibrada. Vai precisar de muito jogo de cintura, carisma, ser amigo, respeitador, e deve ter um cuidado especial com os assuntos ligados aos diferentes pontos de vista das religiões, com as questões éticas, além de esforçar-se para não impor aos seus valores pessoais.

Souza (2002) acrescenta que para tanto, também é preciso que o professor tenha domínio teórico quanto o desenvolvimento sexual humano, compartilhando em grupos de estudos suas descobertas e dúvidas.

Como se percebe, para uma boa atuação na orientação sexual é necessário ter facilidade de falar do tema, para assim transmitir ao aluno, segurança, conforto e autonomia para construir uma concepção de sexualidade reflexiva.

Perante isso, é percebido que a orientação sexual dever ser um direito de todos e de qualquer proposta educativa, sendo que a escola se destaca pelo fato de ser uma formadora de cidadãos que pode possibilitar aos mesmos, uma maior meditação crítica sobre o tema.

Figueiró (2004) reflete que ao se trabalhar orientação sexual com o indivíduo, é preciso ir além, para que esse aluno possa descobrir o prazer existente em sua sexualidade, pois o sexo não deixa de ser pessoal e participante desse trajeto.

Ao trabalhar orientação sexual com seus alunos, o professor deverá estar consciente da beleza e dignidade do sexo e da sexualidade, por que precisa desenvolver no indivíduo a capacidade de amar e de ser amado, de lidar com a afetividade e as emoções, além de ministrar o temário científico, tanto biológico como comportamental. (SOUZA, 2002 p. 119)

Segundo MAIA (2004), se o professor não estiver bem preparado em seus métodos, ou não estiver bem resolvido com sua própria sexualidade para falar do tema, ele pode se tornar desastroso, pois deve ir além de informações, conseguindo



promover em seus educandos, uma transformação perante a orientação sexual, de maneira que seja construtiva, positiva, no qual sejam bem resolvidos com sua sexualidade, e que tenham um olhar diferenciado ao que se refere a preconceitos e tabus, sendo assim possível quebrar os paradigmas atuais.

De acordo com MAIA (2004) é fundamental que a orientação sexual, trabalhe a sexualidade conforme o meio sociocultural, a partir do psicológico, até chegar aos aspectos fisiológicos, sempre baseados no diálogo crítico. Porém ele defende que para tal objetivo, é preciso que haja uma maior preocupação com a formação do educador, sendo que por meio dela, ele possa se tornar um agente de transformação e multiplicador de valores e comportamentos dos indivíduos e da sociedade como um todo.

Para tal conceito, (NUNES; SILVA 2000 p. 118-119), defende que a sexualidade dever ser trabalhada desde o começo da vida para assim evitar crises e conflitos já na fase adulta:

A prática de reprimir, inibir, de escamotear e esconder a expressão e a curiosidade da criança é responsável pela maioria das crises e contradições dos conflitos emocionais e sexuais de nossos adolescentes. [...]. Não há plausibilidade educacional em esperar um suposto tempo de maturação para abordar a sexualidade das crianças, acreditando que 'quando chegar o tempo', serão criadas as condições de diálogo e informação sobre o universo sexual e afetivo. É o mundo adulto a esfera institucional que deve oferecer esta alternativa e abrir esta perspectiva pedagógica. Não será possível falar com ressonância e respeito sobre sexualidade, amor, gratuidade e prazer, aos adolescentes se não foram construídas as pontes e suportes na infância. Não é possível acreditar que o acesso aos adolescentes será fácil e natural se durante todos os conflitos emocionais e afetivos de criança o pai ou educador mantivesse ausente, reticente relutante e indiferente.

Assim, destaca-se mais uma vez, a responsabilidade do professor, pois poderão contribuir positivamente para que seus alunos se tornem conscientes e formadores de opinião quanto a sexualidade. Além disso, o professor é responsável também por apresentar o tema de maneira que nele, não envolva suas concepções pessoais, valores ou crenças, esclarecendo dúvidas com objetividade, orientando e não influenciando seus alunos a pensarem como ele.

A intenção, é que por meio da orientação, os alunos sejam capazes de desenvolverem seus conceitos e modos referentes as suas ações voltadas a sexualidade, tornando-os sujeitos ativos na organização desse aprendizado.

Sendo assim, é perceptível que a educação sexual ainda é um grande desafio a ser alcançado pela educação e seus sujeitos ativos, pois deve ser trabalhada diariamente com qualquer pessoa, de qualquer faixa etária. Porém é preciso perceber que a educação sexual vai além de palestras informativas, ela deve ser associada como elemento inerente a vida, e essencial para a formação integral do sujeito como algo que, sempre estará presente e influenciando suas atitudes e pensamentos em todas as fases da sua existência.

## CAPITULO II – A IMPORTANCIA DA SEXUALIDADE SEGUNDO OS PROFESSORES

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que - fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, contatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1999, p. 32).

Nesse sentido Gatti (2003, p.3) confia que a pesquisa está inserida tanto na busca de informações quanto na localização de textos impressos e materiais eletrônicos, proporcionando novos caminhos para conhecimentos existentes.

O pesquisador não somente é quem sabe acumular dados mensurados, mais sobre tudo quem nunca desiste de questionar a realidade, sabendo que qualquer conhecimento é apenas recorte (DEMO, 1999, p.20).

Gatti acredita que a pesquisa é acima de tudo, obter conhecimento sobre algo. A partir de perguntas, dúvidas, inquietações referentes a algum tema surge a necessidade de pesquisar para assim buscar respostas aos pensamentos e afirmações.

Pesquisa é o ato pelo qual procuramos obter conhecimento sobre alguma coisa [...] Contudo, num sentido mais estrito, visando a criação de um corpo de conhecimentos sobre um certo assunto, o ato de pesquisar deve apresentar certas características específicas. Não buscamos, com ele, qualquer conhecimento, mas um conhecimento que ultrapasse nosso entendimento imediato na explicação ou na compreensão da realidade que observamos (GATTI, 2002, p. 9, 10).

Entende-se que a pesquisa não tem um sentido neutro, mas sim filosófico, sociológico e político, que causa no sujeito a necessidade de refletir e avaliar podendo assim compreender a dimensão e os limites da mesma na prática.

É perceptível que o ato de pesquisar tem características específicas, neste caso, para este trabalho foi optado a pesquisa teórica empírica e quantitativa, no qual se procura analisar de forma lógica e objetiva todas as evidências para a comprovação de suas argumentações de maneira intensa e evidente.

Toda pesquisa deve basear-se em uma teoria, que serve como ponto de partida para uma investigação bem sucedida de um problema. A teoria, sendo instrumento de ciência, é utilizada para conceituar os tipos de dados a serem utilizados. Para ser válida, deve apoiar-se em fatos [...] provados, resultantes da pesquisa (LAKATOS e MARCONE 1990, p. 17).

A pesquisa realizada no decorrer deste trabalho foi feita por meio de uma coleta de dados (a análise de conteúdo adquire força e valor mediante o apoio de um referencial teórico adequado para a construção e embasamento das categorias de análise) e um questionário misto, que como o próprio nome diz, é um questionário que proporciona questões de formas distintas, na qual exige respostas abertas e fechadas.

No decorrer do questionário foram considerados alguns objetivos, tal como: incluir apenas perguntas relacionadas ao problema; elaborar perguntas claras, concretas e precisas; elaborar perguntas que não induzam respostas; verificar se o sujeito/informante possui formação/informação suficiente para responder as perguntas; elaborar instruções claras e precisas para o preenchimento do questionário; assegurar a confiabilidade das informações prestadas e propor mais de uma pergunta para avaliar a mesma variável.

Segundo Marcone e Lakatos (1996), o questionário é uma ferramenta que tem como objetivo principal coletar informações, e é constituído por uma serie ordenada de questões, para serem respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Padre Elígio, da cidade de Itaberáí, na qual, entrevistou-se 20 (vinte) professores, tanto do sexo masculino quanto feminino, do Ensino Fundamental I e II, de forma aleatória.

Este instrumento de pesquisa contém 10 (dez) questões, apresentando em sua estrutura, perguntas de assinalar e responder, com o objetivo de entender sobre como o professor vê a sexualidade, qual o seu conceito e como trabalham no dia a dia escolar. Foram entregues aos professores para que pudessem responder num curto espaço de tempo, de acordo com seu entendimento. Neste contexto segue abaixo o questionário.

1 -Você se considera uma pessoa informada sobre sexualidade?

( ) Sim ( ) Não

Procurando ser sincero, selecione a opção que melhor classifique o seu ambiente familiar quanto ao nível da abertura para o diálogo sobre temas relacionados com a sexualidade:

Muito fechado  Fechado  Nem fechado nem aberto  Aberto  Muito aberto  
2 – Já participou em algum, curso, seminário, programou aula sobre Educação Sexual?

Sim  Não

Em que contexto?

No Ensino Básico e Secundário  Na Universidade

Em Serviços de Saúde  Na Igreja (ou local de culto)

Outros (especifique) \_\_\_\_\_

3- Você conversa sobre sexualidade com os seus(suas) alunos (as)? Se considera preparado para esclarecer suas dúvidas?  Sim  Não

Justifique:

4- Como educador você considera importante conversar sobre sexualidade na escola?

Sim  Não

Justifique:

5- Na sua escola há palestras de Orientação Sexual, ou outra forma de informar aos alunos sobre sexualidade? Caso a resposta seja afirmativa, como é feito o trabalho de Orientação Sexual na sua escola?  Sim  Não

6- Qual é o meio que você utiliza para conversar com as crianças a respeito da sexualidade?

Filmes

Roda de conversas

Através de jogos e brincadeiras

Nenhum

Outros

7- Na sua opinião, qual é a maior dúvida das crianças referente a sexualidade?

Relação de meninos e meninas

Reprodução/concepção

Diferenças genitais entre meninas e meninos

Mudanças corporais

Masturbação

Nenhuma

Outras

8- Na sua opinião, quais os temas mais importantes no trabalho de Orientação Sexual na Escola?

9- Como você define a sexualidade e como ela se diferencia de sexo?

10- Qual o conhecimento que você possui sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais, quanto a Orientação Sexual. E como faz para trabalhá-la no cotidiano escolar, perante as dúvidas dos alunos?

Segue agora as respostas obtidas no questionário:

P1- Sexo feminino, 39 anos, formada em Pedagogia e pós graduada em Gestão e Escolar e Neuropedagogia.

Resposta 01 – Sim, muito aberto.

Resposta 02 – Sim, no Ensino Básico e na Universidade.

Resposta 03 – Eu converso com meus alunos, quando surge duvidas e realmente há uma curiosidade. E quando trabalhado o “tema”.

Resposta 04 – Eu acho importante, pois aprendizado e conhecimento corretamente pode ser em qualquer área, disciplina até mesmo sobre sexualidade.

Resposta 05 – Sim. Houve para os 5º anos, os meus alunos não tiveram, porem tem alunos na minha sala que já sabe de muita coisa, aprendendo incorretamente.

Resposta 06 – Roda de conversas e outros.

Resposta 07–Diferenças genitais entre meninas e meninos, mudanças corporais e masturbação.

Resposta 08–Os temas: Higiene Pessoal, Puberdade, Higiene íntima masculino e feminino e doenças sexualmente transmissíveis (prevenção).

Resposta 09 – Sexualidade é uma necessidade de receber e expressar afeto e contato, assim, a sexualidade deferência de sexo, é o toque, o abraço, o gesto a palavra que transmite prazer entre pessoas.

Resposta 10 – Eu sei que deveria dar importância e incluir na escola e nas aulas, Orientação Sexual como tema Transversal nos currículos. As manifestações da sexualidade afloram em todas as faixas etárias, por tanto cabe desenvolver ação critica reflexiva e educativa ao desejo do saber em cada ano trabalhado, para produzir o conhecimento, respeito a si mesmo, ao outro e à coletividade.

P2 – Sexo feminino, 32 anos, Formada em Pedagogia.

Resposta 01 –Sim, nem fechado nem aberto.

Resposta 02 – Sim, no Ensino Médio.

Resposta 03 – Não soube responder.

Resposta 04 – Sim, porque sabemos da falta de informação e de diálogo dos pais.

Resposta 05 – Não.

Resposta 06 – Roda de conversas.

Resposta 07 – Reprodução/concepção.

Resposta 08 – A higiene nas partes íntimas.

Resposta 09 – A sexualidade é a relação entre pessoas de sexos iguais ou diferentes.

O sexo é a relação genital.

Resposta 10 – Tento contextualizar e levar para a linguagem dos alunos.

P3 – Sexo feminino, 39 anos, formada em Pedagogia.

Resposta 01 – Sim, muito aberto.

Resposta 02 – Sim, na igreja.

Resposta 03 – Sim, é preciso saber conversar abertamente com as crianças, esclarecendo suas dúvidas e passando informações certas para a idade crianças em questão.

Resposta 04 – sim, porque na escola as crianças podem receber informações de forma correta, sendo bem orientadas.

Resposta 05 – Sim, através de conversa informal onde surgir alguma pergunta ou dúvidas. Trabalhando interdisciplinaridade, trabalhos em grupos abordando temas como exploração sexual infantil por ex.

Resposta 06 – Filmes, roda de conversa e outros.

Resposta 07 – Reprodução/concepção e mudanças corporais.

Resposta 08 – Exploração sexual infantil e gravidez na adolescência.

Resposta 09 – Sexo é o ato em si e sexualidade é a busca do prazer, do corpo e suas satisfações.

Resposta 10 – trabalhar com as crianças de forma simples e natural para que desenvolvam de forma natural sua sexualidade. Sanando dúvidas, curiosidades e mostrando que a sexualidade é algo normal e faz parte do ser humano e de seu desenvolvimento.

P4 – Sexo feminino, 39 anos de idade, formada em História.

Resposta 01 – Não, Nem fechado nem aberto.

Resposta 02 – Não.

Resposta 03 – Sim, Converso, porem fico insegura em abordar alguns temas.

Resposta 04 – Sim, pois o mundo está muito liberal e em algumas famílias os pais sentem vergonha em conversar sobre o tema com os filhos.

Resposta 05 – Não, pelo menos no período vespertino não é feito este tipo de trabalho.

Resposta 06 – Roda de conversas.

Resposta 07 – Relação de meninos e meninas, Reprodução/concepção, diferenças entre meninas e meninos e mudanças corporais.

Resposta 08 – abordar métodos contraceptivos e doenças sexuais transmissíveis.

Resposta 09 – Sexualidade descoberta do corpo. Sexo: ato para concepção de filhos ou somente por prazer.

Resposta 10 – Não tenho nenhum conhecimento.

P5 – Sexo feminino, 29 anos, Pedagogia.

Resposta 01 – Não, Nem fechado nem aberto.

Resposta 02 – Sim, na escola.

Resposta 03 – As vezes não.

Resposta 04 – Sim, Porque em casa os pais se sentem constrangidos com a relação ao assunto.

Resposta 05 – Não.

Resposta 06 – Roda de conversas.

Resposta 07 – Diferenças genitais entre meninas e meninos, mudanças corporais.

Resposta 08 – Higiene sexual, transformação físicas e orientação.

Resposta 09 – Não soube responder.

Resposta 10 – Não soube responder.

P6 – Sexo feminino, 36 anos, formada em Geografia.

Resposta 01 – Sim, muito aberto.

Resposta 02 – Sim, no ensino Básico e Secundário.

Resposta 03 – Sim, as vezes.

Resposta 04 – Sim, esclarecimento, orientação, ajuda.

Resposta 05 – Sim, palestras.

Resposta 06 – Filmes, roda de conversas e através de jogos e brincadeiras.

Resposta 07 – Reprodução/concepção.



Resposta 08 – Abuso sexual.

Resposta 09 – Sexualidade da vida sexual e sexo si é feminino ou masculino.

Resposta 10 – Depende da grade curricular p/ casa série, conteúdos. Acredito que é + trabalhado no 6º ano.

P7 – Sexo feminino, 24 anos, formada em Pedagogia.

Resposta 01 – Sim, nem fechado nem aberto.

Resposta 02 – Não.

Resposta 03 – Ainda não foi necessário ter uma conversa sobre esse assunto.

Resposta 04 – sim, para esclarecer as dúvidas e prevenir alguns problemas do gênero.

Resposta 05 – Sim, só que é trabalhado no período da manhã.

Resposta 06 – Nenhum.

Resposta 07 – Relação de meninos e meninas.

Resposta 08 – A higiene íntima.

Resposta 09 – Sexualidade é a opção sexual de cada pessoa e sexo é o ato realizado entre duas pessoas.

Resposta 10 – Ainda não foi preciso trabalhar pois meus alunos ainda não tem essa curiosidade.

P8 – Sexo feminino, 50 anos, formada em Pedagogia.

Resposta 01 – Sim, aberto.

Resposta 02 – Sim, em serviços de saúde.

Resposta 03 –se surgir necessidade me considero apta par conversar e explicar o que for preciso.

Resposta 04 – Sim, com atividades e palestras sobre orientação sexual os alunos poderão entender melhor, o que muitas vezes é informado a eles de maneira errada e com pessoas erradas.

Resposta 05 – Não.

Resposta 06 – Nenhum.

Resposta 07 – Nenhuma.

Resposta 08 – Relação entre meninos e meninas.

Resposta 09 – Sexualidade é a qualidade do que é sexual; sexualidade e sexo é a diferença constituída entre macho e fêmea: órgãos genitais masculinos ou femininos.

Resposta 10 – Que a orientação sexual faz parte dos temas transversais dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que visa trabalhar sexualidade nas escolas. Perante as dúvidas dos alunos trabalharia com rodas de conversa, palestras, pesquisas e conscientização sobre sexualidade.

P9 – Sexo feminino, 43 anos, formada em Pedagogia.

Resposta 01 – Sim, nem aberto nem fechado.

Resposta 02 – Não.

Resposta 03 – Não. Não converso com meus alunos sobre sexualidade porque meus alunos são crianças de 6 a 7 anos e não considero esse tema importante para eles.

Resposta 04 – Sim, é importante esclarecer as dúvidas dos alunos, pois eles chegam à escola com a sexualidade aflorada.

Resposta 05 – Sim, é realizada pela equipe da saúde.

Resposta 06 – Nenhum.

Resposta 07 – Nenhuma.

Resposta 08 – Doenças sexualmente transmissíveis, gravidez e aborto.

Resposta 09 – Não soube responder.

Resposta 10 – Conheço sobre os parâmetros curriculares nacionais quanto a orientação sexual, mas não trabalho no cotidiano porque meus alunos são crianças de 6 a 7 anos e precisam ser alfabetizados.

P10 – Sexo feminino, 37 anos, formada em Letras.

Resposta 01 – Sim, aberto.

Resposta 02 – Sim, no Ensino Básico e Secundário, em serviços saúde, na universidade na igreja.

Resposta 03 – Sim, a roda de conversa é realizada de acordo com a idade dos alunos.

Resposta 04 – Sim, é uma questão de informação e esclarecimento.

Resposta 05 – Sim, com agentes de saúde.

Resposta 06 – Filmes, roda de conversas e através de jogos e brincadeiras.

Resposta 07 – Doenças Sexualmente Transmissíveis.

Resposta 08 – sexualidade é da personalidade, sexo é o ato em si.

Resposta 09 – de acordo com as propostas é realizado o planejamento de forma lúdica para ser trabalhado com os alunos de acordo com a série e idade.

Resposta 10 – De acordo com as propostas é realizado o planejamento de forma lúdica para se trabalhado com os alunos de acordo com a série e idade.

P11– Sexo masculino, 38 anos, formado em Magistério e Serviço Social.

Resposta 01 – Sim, nem fechado nem aberto.

Resposta 02 – Sim, no Ensino Básico e Secundário.

Resposta 03 – As crianças e adolescentes possuem curiosidades distintas sobre sexualidade e são perguntas que para eles muitas vezes é difícil até para iniciar. Somos maduros e esclarecidos como educadores para que a resposta seja objetiva e clara.

Resposta 04 – Sim, a curiosidade sobre sexualidade está muito aflorada nas crianças e adolescentes. Pais ainda rejeita falar sobre o assunto em casa. O que adiquiri sobre sexualidade na maioria é entre amigos e colegas de escola de forma destorcida.

Resposta 05 – Sim, por meio de palestras com profissionais da saúde. Leitura de textos, vídeos e folderes de campanha.

Resposta 06 – Filmes, roda de conversas e outros.

Resposta 07 – Reprodução/concepção, mudanças corporais masturbação e outros.

Resposta 08 – Doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência e violência sexual.

Resposta 09 – Sexualidade é a descoberta do corpo, do prazer e sensações proporcionada pela atração e toque a sexualidade e está ligada ao psicológico desde que nascemos. Vários fatores como: Cultural, genético contribui para o desenvolvimento da sexualidade.

Resposta 10 – Nas aulas de ciências e Ensino Religioso são os melhores momentos para se falar sobre o assunto. Para isso são utilizados vídeos, textos e roda de conversa.

P12 – Sexo feminino, 22 anos, formada em História.

Resposta 01 – Sim, aberto.

Resposta 02 – Sim, em serviços de Saúde.

Resposta 03 – Sim, quando a aula é preparada e destinada a temática, o assunto é abordado de forma inteligível ao nível de cada discente.

Resposta 04 – Sim pois atualmente nossos jovens e crianças se deparam cada vez mais cedo com essa realidade.

Resposta 05 – Sim, são palestras com membros da secretaria de saúde e também aulas preparadas pelos professores de ciências.

Resposta 05 – Roda de conversas.

Resposta 06 – Relação de meninos e meninas, reprodução/concepção.

Resposta 07 – DSTs, e gravidez na adolescência.

Resposta 08 – Sexo está ligado a relação física com o outro, sexualidade é um termo mais amplo, que abarca tanto o modo como lidamos com o sexo, quanto tudo o que o envolve, dst's, reprodução, métodos contraceptivos, etc.

Resposta 10 – geralmente são os professores ligados a disciplina de ciências que realizam este trabalho.

P13 – Sexo feminino, 28 anos, formada em Pedagogia.

Resposta 01 – Não, aberto.

Resposta 02 – Sim, trabalho.

Resposta 03 – Sim, não me considero preparada, mas quando posso e me deparo com uma situação, eu oriento o aluno da forma que acho certo.

Resposta 04 – Sim, devemos orientar nossos alunos e mostrar as consequências que eles podem ter futuramente.

Resposta 05 – Sim, através de palestras com um pessoa qualificada na área da saúde.

Resposta 06 – Roda de conversas.

Resposta 07 – Mudanças corporais e masturbação.

Resposta 08 – A prevenção.

Resposta 09 – a sexualidade está presente no dia-a-dia por exemplo na mídia onde pessoas de todas as idades tem acesso a qualquer hora.

Resposta 10 – Sempre orientar os alunos, esclarecendo as dúvidas surgida de maneira clara e objetiva.

P14 – sexo feminino, 50 anos, formada em pedagogia.

Resposta 01 – Sim, aberto.

Resposta 02 – Sim, no Ensino Básico e Secundário.

Resposta 03 – Sim, quando questionada, pois os alunos banaliza, bastante o tema.

Resposta 04 – Sim, pois elas devem se proteger quanto as várias doenças sexualmente transmissíveis.

Resposta 05 – Não soube responder.

Resposta 06 – Outros.

Resposta 07 – outras.

Resposta 08 – Diversidade sexual, de proteção ao HIV. E outras doenças sexualmente transmissíveis.

Resposta 09 – A sexualidade é natural de todo ser humano, ela poderá aflorar mais cedo ou mais tarde. Nos alunos ela aflora mais cedo e nas alunas um pouco mais tarde. Sexualidade sensibilidade. Sexo troca de experiências.

Resposta 10 – Já li sobre o tema, mas faz muito tempo. Através de uma conversa simples para que os mesmos possam entender com mais clareza o assunto.

P15– Sexo feminino, 21 anos, formada em Letras.

Resposta 01 – Sim, aberto.

Resposta 02 – Sim, no Ensino Básico e Secundário.

Resposta 03 – Sim, apesar de não tratar sobre o assunto na matriz curricular da disciplina que leciono, se o aluno tem dúvidas, procuro esclarecer.

Resposta 04 – Sim, todo educador está apto a sanar as dúvidas dos alunos sobre sexualidade.

Resposta 05 – Sim, por meio de palestras.

Resposta 06 – Nenhum.

Resposta 07 – Relação de meninos e meninas e reprodução/concepção.

Resposta 08 – Gravidez precoce; DST; Conhecimento sobre o corpo.

Resposta 09 – Sexo: masculino e feminino. Sexualidade: conhecimento específicos sobre diversos temas desde o conhecimento sobre o corpo.

Resposta 10 – Não faz parte da ementa da minha disciplina. Cabe ao professor de Ciências esse tema.

P16 – Sexo feminino, 48 anos, formada em Pedagogia.

Resposta 01 – Sim, aberto.

Resposta 02 – Sim, Em serviços de Saúde, na Igreja e outros.

Resposta 03 – Sim, quando surge durante as aulas converso sobre o tema, sempre procuro esclarecer de forma natural.

Resposta 04 – Sim, por que muitos pais, nem eles mesmo saber lidar com a situação e acaba prejudicando seus filhos.

Resposta 05 – Sim, orientação pelo corpo docente e palestrante de pessoas preparadas para orientá-los.

Resposta 06 – Filme e roda de conversas.

Resposta 07 – Relação de meninos e meninas e mudanças corporais.

Resposta 08 – Valorização do seu corpo (Masculino e feminino). Causas e risco por imaturidade.

Resposta 09 – Que a sexualidade deve ser de forma sadia, e com responsabilidade respeitando seu nível de idade.

Resposta 10 – Ser conhecer do tema trabalhado e utilizar material de apoio sobre o conteúdo. (Vídeo, palestras, experiência vivenciada etc...).

P17 – Sexo feminino, 20 anos, formada em Matemática.

Resposta 01 – Sim, aberto.

Resposta 02 – Sim, no Ensino Básico e Secundário e trabalho.

Resposta 03 – Não, devido ser uma aula mais complexa, sempre é relatado apenas conteúdos da matéria.

Resposta 04 – Sim, pois ao realizar uma conversa entre aluno e professor e aluno-aluno os mesmo passa a ter entendimento do assunto, tendo orientação e conselho.

Resposta 05 – Sim, feito em sala de aula da matéria que explica e palestras.

Resposta 06 – Roda de conversas.

Resposta 07 – Reprodução/concepção.

Resposta 08 – A preservação. Os métodos que previne doenças e gravidez.

Resposta 09 – A sexualidade está em imagens vistas em televisão, novelas e programas sexuais, cenas eróticas e obscenas o qual diferencia do ato a prática.

Resposta 10 – É necessário que o professor tenha o conteúdo e a matéria específica para trabalhar durante o cotidiano, e poder explicar a responsabilidade que tem o qual o PCN especifica a responsabilidade.

P18 – Sexo feminino, 46 anos, formada em Letras.

Resposta 01 – Sim, nem fechado nem aberto.

Resposta 02 – Sim, em serviços de Saúde.

Resposta 03 – Sim, os alunos muitas vezes procuram uma orientação com o professor.

Resposta 04 – Sim, muitas crianças não possuem uma pessoa com quem conversar.

Resposta 05 – Não.

Resposta 06 – Outros.

Resposta 07 – Relação de meninos e meninas, reprodução/concepção e outras.

Resposta 08 – Concepção; Doenças transmissíveis; abuso sexual.

Resposta 09 – Na adolescência é algo novo a ser descoberto, período que surgem tantas dúvidas que precisam serem solucionadas.

Resposta 10 – Procuo trabalhar de uma maneira leve e clara, mostrando aos alunos a necessidade de possuírem conhecimento sobre o assunto.

P19 – Sexo masculino, 36 anos, formado em Geografia.

Resposta 01 – Sim, nem fechado nem aberto.

Resposta 02 – Sim, na Universidade.

Resposta 03 – Não, as vezes tirando algumas dúvidas dos alunos ou questões relacionadas à disciplina.

Resposta 04 – Sim, para prevenir problemas como gravidez indesejada (precoce) e contaminação de DST.

Resposta 05 – Sim, através de palestras, principalmente por professores formados em ciências biológicas.

Resposta 06 – Não soube responder.

Resposta 07 – Mudanças corporais.

Resposta 08 – Prevenção de gravidez precoce; prevenção de doenças; conhecimento sobre o próprio corpo.

Resposta 09 – Sexualidade: seria as formas comportamentais. Sexo: masculino e feminino.

Resposta 10 – Dentro da disciplina de geografia os temas não tratados com muita profundidade, as questões discutidos estão sempre relacionadas aos conteúdos e à realidade vivida pelo aluno no âmbito sociológico.

P1 20 – Sexo feminino, 28 anos, formada em Geografia.

Resposta 01 – Sim, muito fechado.

Resposta 02 – Não.

Resposta 03 – Sim, quando necessário sim, pois a disciplina que trabalho não envolve muito o assunto.

Resposta 04 – Sim, pois os alunos precisam ser conscientizados sobre este tema.

Resposta 05 – Já foram realizadas algumas palestras.

Resposta 06 – Roda de conversas.

Resposta 07 – Reprodução/concepção.

Resposta 08 – Doenças transmissíveis (sexualmente).

Resposta 09 – A sexualidade é a fase de transformação, o processo ao qual meninos e meninas sofrem no corpo e no psicológico, e o sexo é somente o ato em si.

Resposta 10 – Muito superficial. O assunto quando surge em sala de aula, tento solucionar as dúvidas, de acordo com a linguagem dos alunos, através de cada conversa.

Durante a pesquisa campo observou-se alguns comportamentos por parte do corpo discente ao conhecerem o tema da monografia, na qual alguns professores se recusaram a responder o questionário, ou receberam de má vontade, e ainda outros só aceitaram responder por pressão da coordenadora pedagógica. Deixando evidente a insegurança, despreparo e a rejeição dos professores ao tratarem o tema em sala de aula. Podendo exemplificar bem essa questão a fala de uma professora entrevistada que ao ser questionada sobre a sexualidade, afirmou: *“meus alunos precisam é serem alfabetizados”*.

Houve ainda alguns professores que usaram de pesquisa para responder o questionário, ou rejeitaram de alguma forma a fazê-lo, na qual presenciamos uma delas deixando para respondê-lo no intervalo das aulas para que a pesquisa pudesse ser realizada com auxílio da internet. Outra ainda só aceitou responder se pudesse levar o questionário para casa, *“só respondo se puder levar para casa, por que não vou responder de qualquer jeito”*.

A maioria dos professores tentaram justificar seus despreparos dizendo que o tema não fazia parte de suas disciplinas, ou que não haviam manifestações de sexualidade na sala que trabalham. Mostrando que sexualidade para maioria se confunde com sexo, pois eles relacionam a sexualidade somente com manifestações sexuais.



### CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Este capítulo tem como objetivo apresentar os dados e resultados da presente pesquisa. O questionário foi analisado de forma descritiva e com os dados obtidos organizados em gráficos, de forma a melhorar a compreensão dos resultados.

1 -Você se considera uma pessoa informada sobre sexualidade?

- Procurando ser sincero, selecione a opção que melhor classifique o seu ambiente familiar quanto ao nível da abertura para o diálogo sobre temas relacionados com sexualidade.

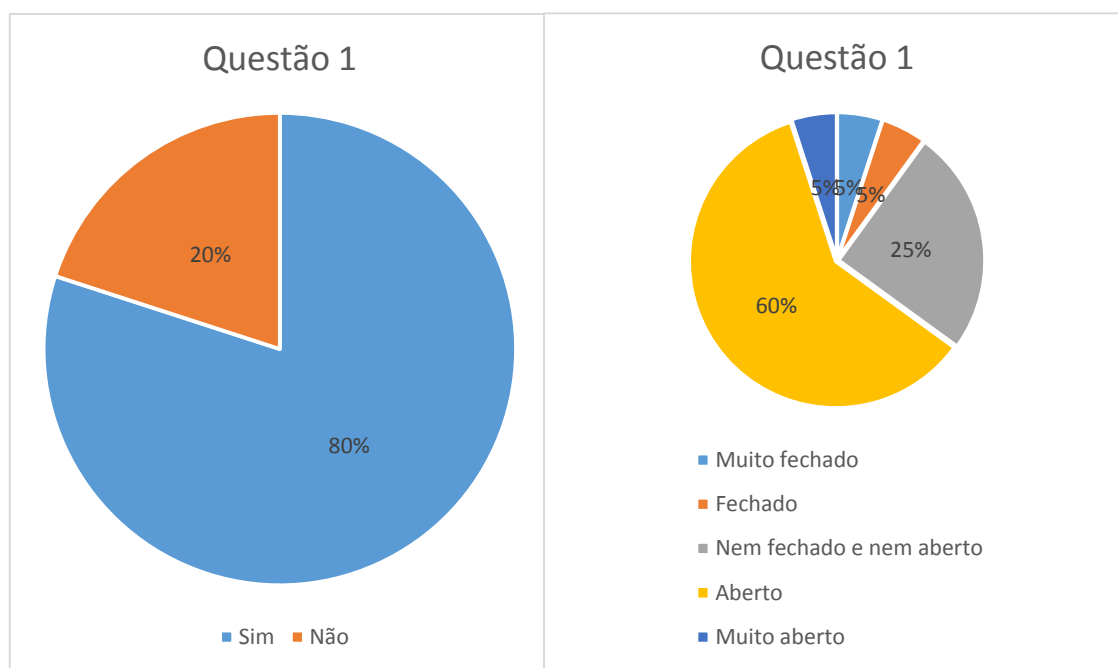


Gráfico 1 – Questão 1

Há entre muitos professores, grandes obstáculos quando se trata de orientar seus alunos quanto a sua sexualidade, sendo este um fato que conseqüentemente pode estar ligado a diversos motivos, podendo ser eles razões pessoais, domínio quanto ao tema que por sua vez gera insegurança, cultura familiar que pode promover a falta de orientação, despreparo e até mesmo a falta de recursos metodológicos que auxiliem e proponham maior compreensão na realização de uma orientação sexual adequada.

Nesse caso, Maia (2006) acredita que é preciso que cada profissional da educação, especialmente os professores, entendam e passem a reconhecer que para o desenvolvimento da identidade desses alunos, o tema sexualidade torna-se um dos principais fatores, pois contribuirá positivamente para que esses indivíduos ampliem

e desenvolvam conceitos étnicos e morais quanto a diversidade sexual, aprendendo a conviver e respeitar ao invés de gerar conceitos pessoais, discriminações e preconceitos.

A falta de diálogo familiar no que se refere a sexualidade, produzem padrões de disciplinamento, censura, conservadorismo e insegurança, que por sua vez serão transmitidos ao aluno por parte do professor devido à falta de formação e a influência de toda uma tradição e cultura familiar. Todo esse processo será refletida na sociedade mostrando que, a sexualidade está inserida em um contexto amplo, passando a ser um direito, e cada vez mais exigindo do professor uma postura como educador sexual.

Werebe (1998) afirma que grande parte dos pais por diversos aspectos, tais como falta de conhecimento, constrangimento ao falarem do assunto devido a tantos tabus, não passam para seus filhos informações sobre a sexualidade, passando assim a responsabilidade para a escola que por sua vez, necessita dar continuidade ao tema, causando maior reflexão nos alunos em aparições negativas e até mesmo equivocadas, muitas vezes geradas pela falta de diálogo e influência das mídias. É comum essa apreensão das famílias pois, pais que tiveram uma educação repreensiva, no qual sexo lhe foi transmitido como algo errado, ao se depararem com a situação de terem que orientar seus filhos, passam por um conflito interno, no qual também repetem com estes o que lhes foi transmitido, gerando assim nas crianças, medo e visões distorcidas do tema.

O necessário é que a família em parceria com a escola, repensem e estejam aptos a tirarem as dúvidas de seus filhos sempre que surgirem, pois o ambiente familiar é responsável por influenciar na identidade das crianças, valores, crenças, mitos, e costumes que serão incorporados por ela e assim refletidos em suas ações perante a sociedade. Nesse caso é possível constatar que o comportamento desse indivíduo perante a diversidade sexual, será influenciada pela família positivamente ou negativamente, pois uma pessoa mal resolvida com sua sexualidade, não será apto a lidar e conviver nem com suas próprias escolhas, pois terá consigo inseguranças e conflitos mal resolvidos quando criança.

2– Já participou em algum, curso, seminário, programou aula sobre Educação Sexual? Em que contexto?

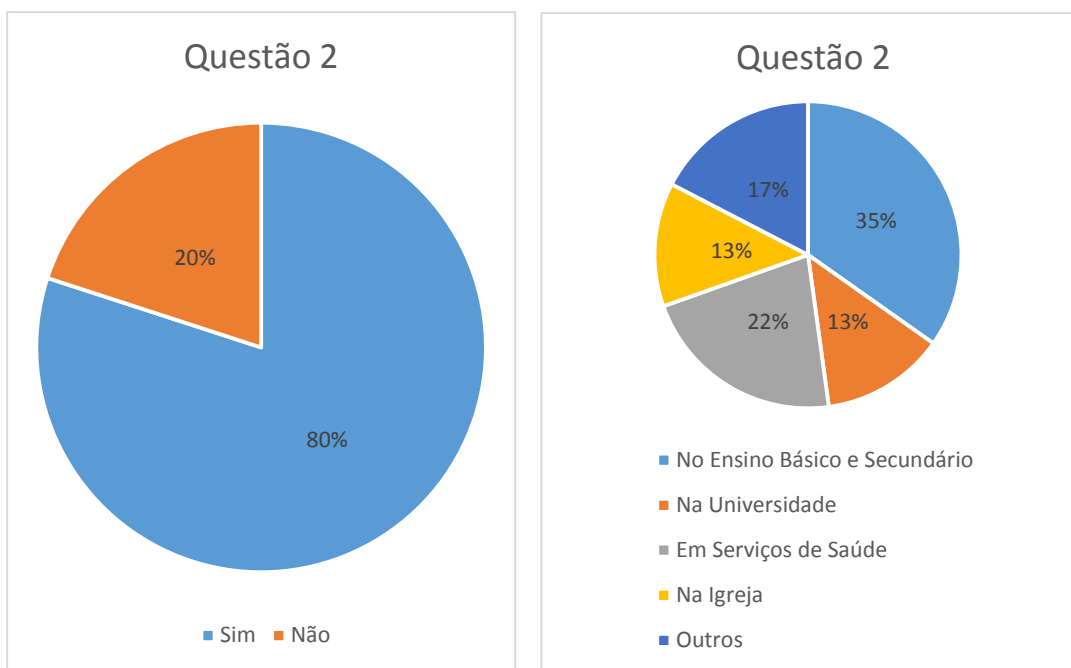


Gráfico 2 – Questão 2

Para um bom desempenho e domínio ao tema sexualidade, segundo Nunes, (2012) é necessário que os professores independente da sua disciplina, tenham como base uma formação na área, pois, essa lhe permitirá trabalhar o assunto com uma conduta profissional consciente e competente. Sendo assim, percebe-se que uma formação continuada é fundamental para que o professor possa assumir o papel de orientador sexual, pois por meio dela, ele será preparado para lidar com tabus, valores, preconceitos e situações de dúvidas e descobertas geradas nas crianças através do meio social que vive.

Louro (2003), afirma que é com base em uma formação continuada que todos os envolvidos no processo passam a refletir, incorporando estratégias, habilidade e sentidos. Assim, é entendido que sexualidade precisa estar presente na grade curricular dos cursos de formação inicial e continuada dos professores, os tornando aptos a desenvolver suas práticas escolares.

O gráfico abaixo, mostra a relação entre professor e aluno quanto as dúvidas e o preparo do professor para lidar e trabalhar a sexualidade em sala de aula.

3- Você conversa sobre sexualidade com os seus(suas) alunos (as)? Se considera preparado para esclarecer suas dúvidas?

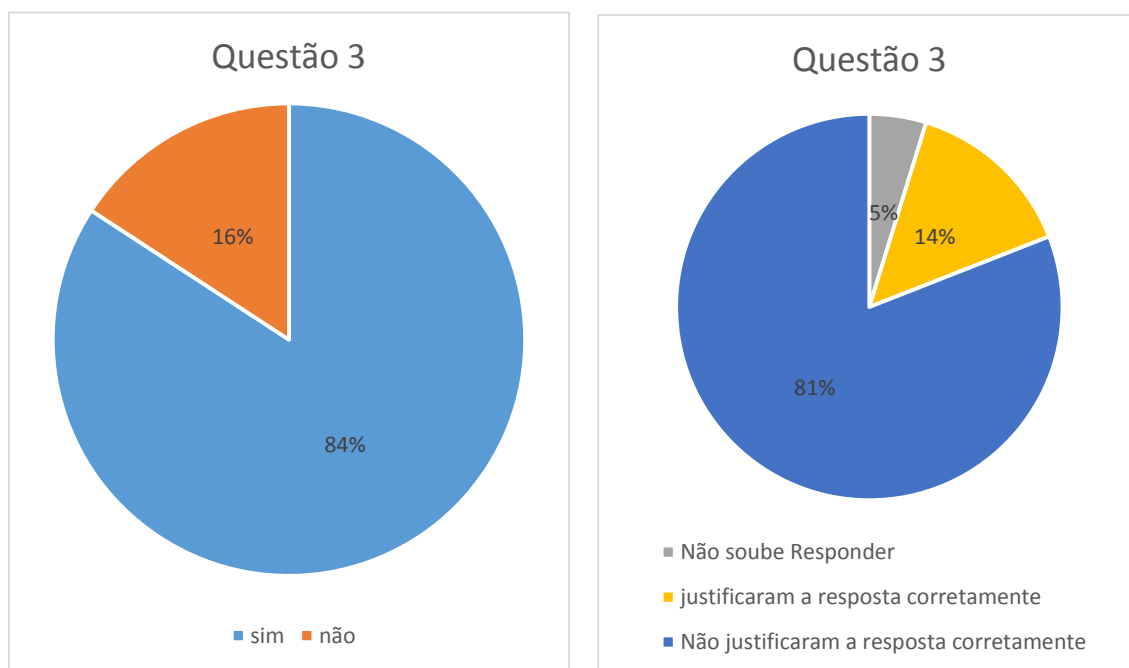


Gráfico 3 – Questão 3

Para que a sexualidade seja desenvolvida em sala de aula, é preciso que o professor tenha habilidade, conhecimento, segurança e se mantenha atualizado para saber responder na linguagem adequada as dúvidas e trabalhar com as crianças, conforme a necessidade de cada uma. O que muitas vezes ocorre, é que além de não aceitarem o tema na escola, muitos professores não sabem diferenciar sexo e sexualidade e nesse caso acabam reprimendo ou abordando o tema de forma biológica para assim se manterem conservados perante seus alunos. Nunes (2005, p.15) acredita que:

Não temos “linguagem” para a sexualidade. Temos sim, de um lado, linguagem tradicional, depreciativa, estereotipada, estigmatizada, frequentemente de baixo nível; e, de outro, a linguagem sexual mais humanizada, afetiva e significativa. É mister construí-la, recriá-la...

Há também, quem consiga trabalhar o tema e compreende a sua importância na vida do indivíduo, sabendo que a sexualidade ao contrário do sexo, é influenciadora

da personalidade de cada um, percebendo que atualmente o interesse vindo dos alunos tem aumentado, e a necessidade de esclarecimento perante tudo o que eles vivem no dia a dia, como as letras de músicas e os programas de televisão, vem trazendo para as escolas maior necessidade de preparo por parte dos professores, que, mesmo sabendo da importância, demonstram muitas dificuldades para a abordagem do tema.

De acordo com Parâmetros é crucial que haja uma formação adequada para se tratar o tema, pois os dias atuais exigem uma superioridade profissional quanto ao modo educativo de antigamente, não podendo culpar o professor pela insuficiência das aprendizagens dos alunos, e sim entender que sua formação não tem sido o bastante para gerar o desenvolvimento das capacidades necessárias, para que cada aluno possa alcançar sucesso escolar e capacidade pessoal num mundo cada vez mais exigente (BRASIL, 1998). Além da necessidade de proporcionar ao professor (a) oportunidades de uma formação continuada, é preciso também uma reflexão quanto a suas condições de trabalho

O gráfico seguinte mostra os dados referentes ao que o professor pensa sobre o trabalho de sexualidade nas escolas, por que e qual a importância.

4- Como educador você considera importante conversar sobre sexualidade na escola?

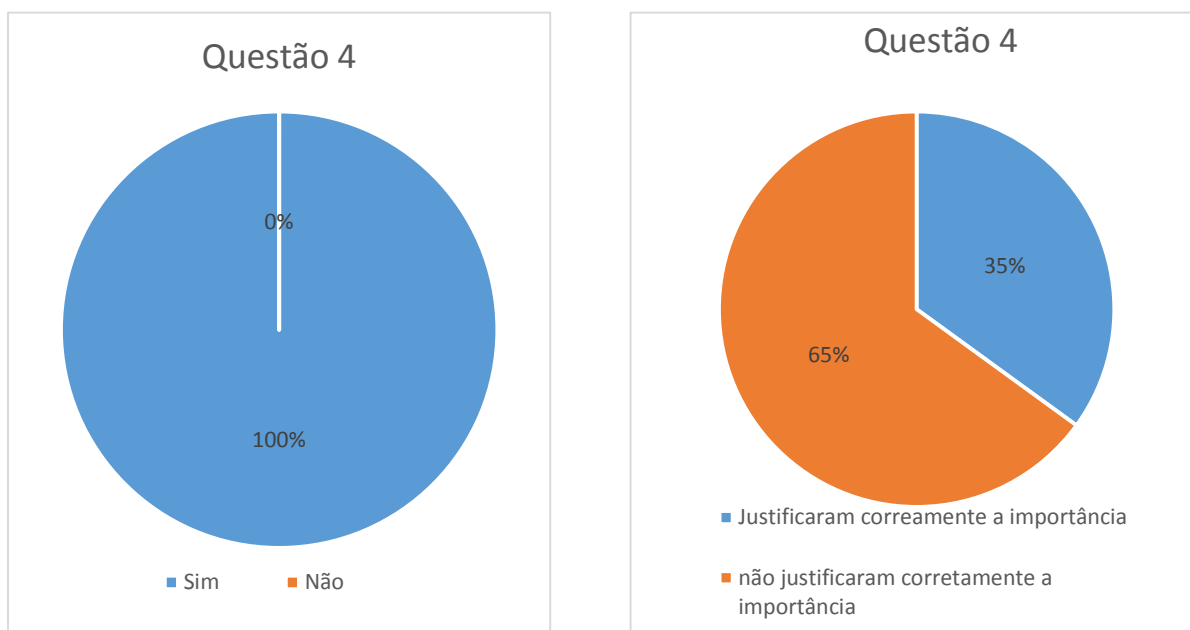


Gráfico 4 – Questão 4

Para Nunes (2012), é preciso entender que o indivíduo vive em um ambiente sexualizado, no qual passa a ser necessário uma maior reflexão sobre o tema, pois se ela está presente em cada ser humano e o acompanha por toda a vida, quando orientada de maneira crítica e correta, construirá no indivíduo valores comportamentais, no qual ele se torne sujeito da sua própria sexualidade.

Segundo Freire (1992, p 5):

É preciso viver relativamente bem a sexualidade. Não podemos assumir com êxito pelo menos relativo, a paternidade, a maternidade, o professorado, a política, sem que estejamos mais o menos em paz com a sexualidade.

Seguindo esse pensamento, cabe então que o professor entenda que por meio da sexualidade o ser humano dá sentido, se relaciona afetivamente, cria, recria e expressa tudo isso por meio dela, fazendo o papel do professor como orientador sexual, algo fundamental na construção desse conceito.

5- Na sua escola há palestras de Orientação Sexual, ou outra forma de informar aos alunos sobre sexualidade? Caso a resposta seja afirmativa, como é feito o trabalho de Orientação Sexual na sua escola?

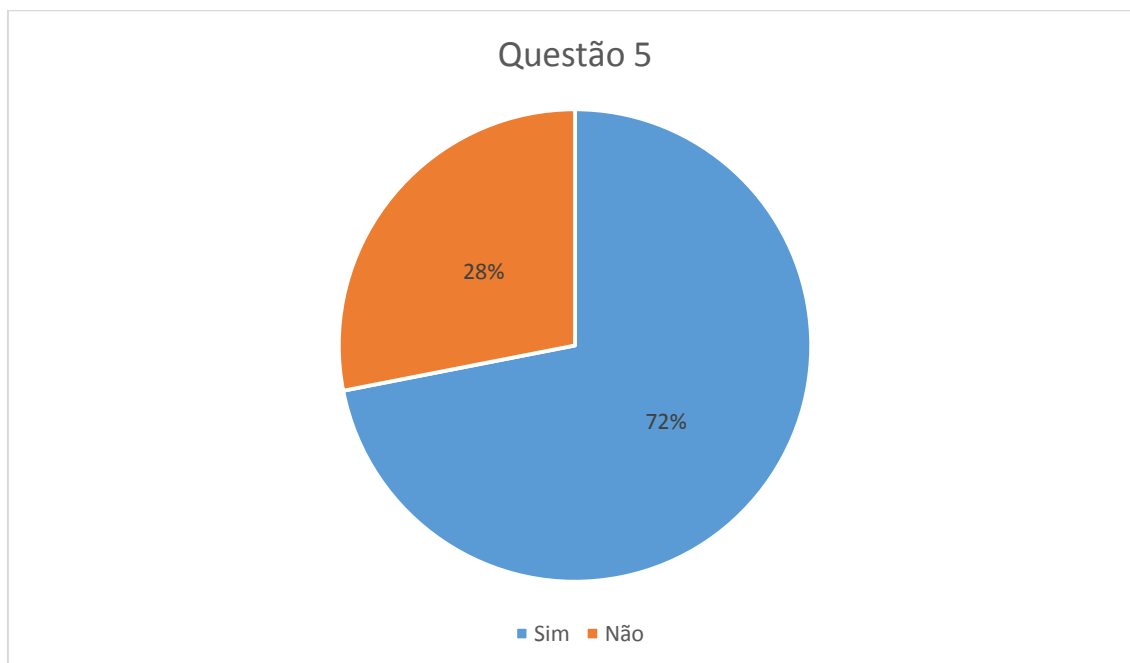


Gráfico 5 – Questão 5

Conforme os dados no gráfico, percebe-se que há uma controvérsia entre as respostas dos educadores, pois trabalham na mesma instituição e alguns afirmam terem participado de palestras promovidas pela escola, já outros não.

Referente ao assunto, durante a entrevista, muitos professores disseram que somente palestras não seriam o bastante, e que falta uma formação específica na área, já outros tentaram se justificar com o fato de que só presenciaram o tema no ensino secundário e que durante o curso superior o assunto foi superficial, jogando a responsabilidade do tema para professores de biologia e ciências, não havendo a necessidade de se prepararem para trabalhar o assunto no decorrer das suas aulas ou de participarem de momentos que a escola promove no intuito de abordarem o tema.

É importante que a escola desenvolva projetos que trabalhem sexualidade coletivamente, envolvendo os alunos juntamente com a participação dos professores, pois o papel da escola nesse processo é abrir espaço e confiança para que os alunos se expressem, pois somente assim, será possível orientá-los da maneira correta, não somente quanto ao ato sexual com adolescentes mas também cuidados com o corpo, higiene pessoal, sentimentos e prazeres.

Atividades coletivas, dão também a oportunidade para que meninos e meninas convivam e se descubram, aprendam a ser tolerantes, compreendendo e aceitando as diversas diferenças entre eles, quebrando assim o preconceito por meio da interação.

Nesse caso, espera-se que a escola aborde nos alunos, as mensagens transmitidas pelas mídias e pela sociedade no objetivo de preencher as informações vagas e mal coletadas, criando a possibilidade de formar nos alunos opiniões quanto ao que sentem e percebem da sexualidade. No momento em que lhes é mostrado o ponto de vista científico, voltados aos valores associados a sexualidade e a diversidade sexual existente na sociedade, é possível desenvolver nos alunos atitudes coerentes que ele mesmo definiu como algo importante.

6- Qual é o meio que você utiliza para conversar com as crianças a respeito da sexualidade?

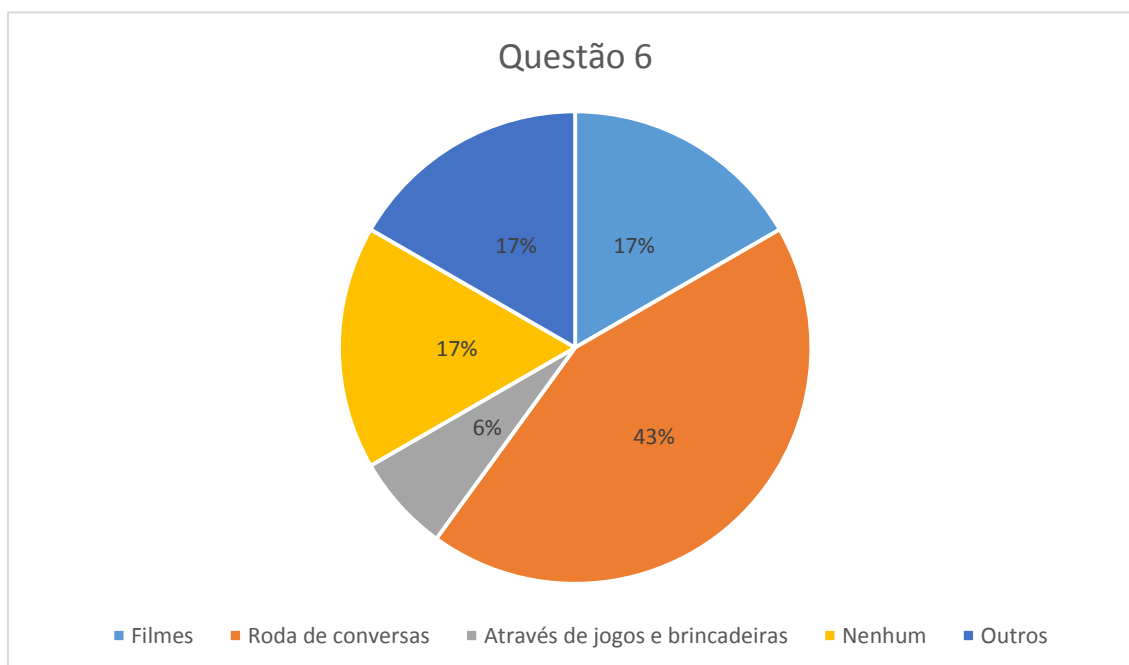


Gráfico 6 – Questão 6

Como todo processo educativo, a educação sexual apresenta efeitos e resultados demorados, por isso, é importante que os professores pensem e elaborem um trabalho que envolvam os alunos em eixos como a valorização humana e capacidade de definir seus próprios conceitos quanto a sexualidade.

Sendo assim, a roda de conversa é definida pelos educadores como a mais utilizada, pois por meio dela, se torna possível trabalhar diversos assuntos sem um tema específico, deixando livre para que os alunos se expressem e fluam suas dúvidas e sentimentos. No caso, este é um meio que se tornou fundamental na prática educativa do professor, pois é possível trabalhar a socialização, respeito e aceitação entre os alunos, despertando neles debates que formem opiniões críticas. Segundo (BRASIL, 1998), a roda de conversa seria uma atividade que promove entre as crianças democracia, troca de experiências e suas capacidades de comunicar-se.

Durante as entrevistas, muitos professores alegaram que evitam trabalhar o tema, pois procuram não despertar nas crianças comportamentos inadequados por parte delas, no qual a roda de conversa seria apenas assuntos relacionados ao cuidado com o corpo. É por afirmações como essas, que Souza (2002) acredita que



há uma grande convicção dos professores, que, ao falarem de sexualidade, a tratam como ato sexual, podendo então estimulá-los ao invés de orientá-los.

MAIA (2004) defende que é necessário que o educador cause uma maior reflexão por meio da vivencia, no qual ele seria o mediador entre a criança e o conhecimento e a escola o espaço ideal para estimular a cidadania entre os alunos.

7- Na sua opinião, qual é a maior dúvida das crianças referente a sexualidade?

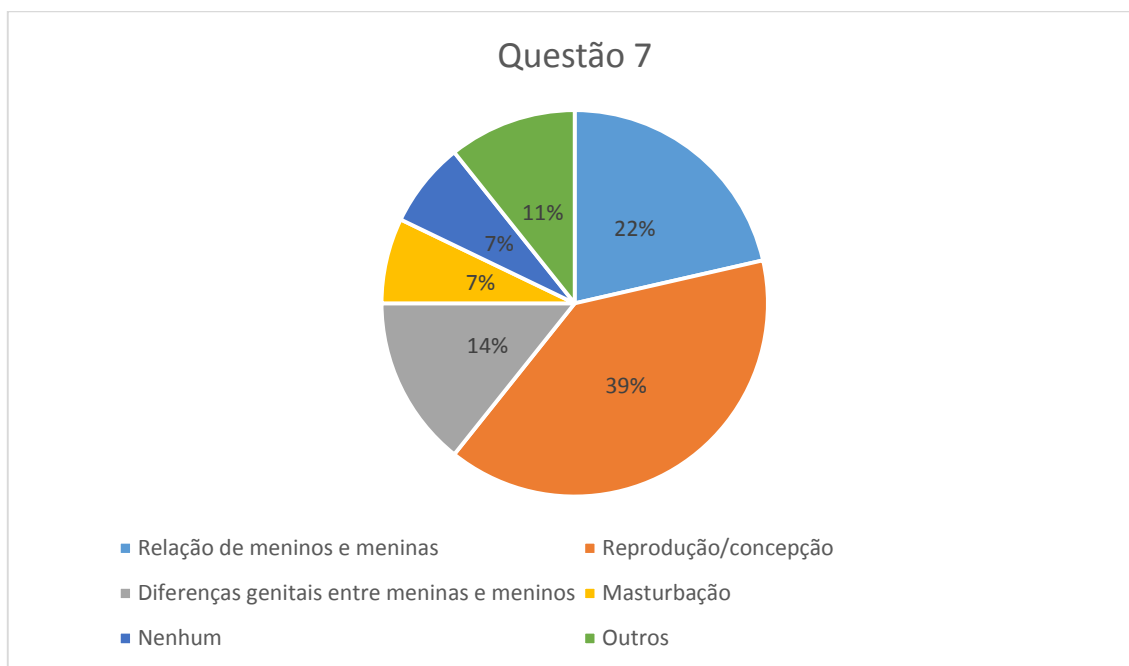


Gráfico 7 – Questão 7

A demonstração da sexualidade em cada criança, ocorrerá conforme a fase em que se encontra, ou seja, de uma maneira particular, o indivíduo irá expor suas experiências e dúvidas no dia a dia. Freud (1905), em sua teoria, acredita que na primeira infância, a criança desenvolverá sua sexualidade por meio da socialização, no qual perceberá seu corpo e do outro com diferenças, percebendo que o toque e as descobertas do seu corpo lhe proporcionam prazer.

O próprio espaço escolar, no qual ele brinca, e aprende no contato com o ambiente, o levará a se descobrir como um ser sexualizado, gerando nele perguntas que devem ser respondidas, tais como as diferenças de gênero, a auto exploração e a origem do nascimento.

Para que esses momentos sejam orientados, é necessário que o professor esteja atento e preparado para responder as dúvidas das crianças de maneira simples e com a linguagem adequada para cada idade, trabalhando o respeito e cuidados com

o próprio corpo, transmitindo a eles que a necessidade de conhecer seu próprio corpo, são comportamentos normais, porém devem ter local e momento certo.

8 - Na sua opinião, quais os temas mais importantes no trabalho de Orientação Sexual na Escola?

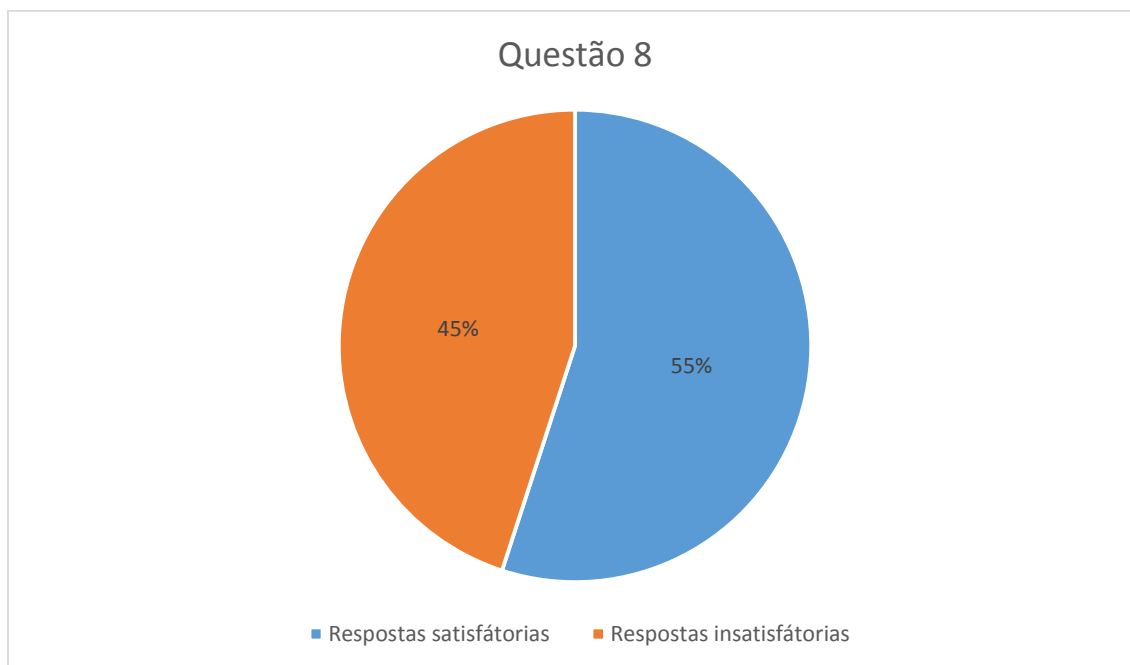


Gráfico 8 – Questão 8

Conforme os Parâmetros Nacionais Curriculares (1997), a educação sexual está inserida na escola dentro de um contexto histórico, no qual se associa a devidas mudanças no comportamento sexual e através dele, os professores são orientados a inserir a orientação sexual dentro da área educativa por meio de conteúdo transversalizados e nas diversas áreas do currículo como um conteúdo extra, em todos os momentos que surgirem pontos relacionadas ao tema. A proposta, é que o professor desenvolva essa orientação, baseado em três eixos: “corpo: matriz da sexualidade, relações de gênero e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis”. Parâmetros Nacionais Curriculares (1997 p. 580). Ainda segundo os Parâmetros Nacionais Curriculares:

A sexualidade é concebida como um dado da natureza, como “algo inerente, necessário e fonte de prazer na vida”. Fala-se em “necessidade básica”, “em potencialidade erótica do corpo”, “em impulsos de desejo vividos no corpo”. Sobre o que os sujeitos, principalmente os adolescentes, precisam ser informados. (1997, p. 580)

Nessa perspectiva, os PCNs (1997), asseguram que a orientação sexual deve ser iniciada ao discurso sobre o sexo na escola, baseada em uma metodologia participativa que, envolvam os alunos em dinâmicas grupais, sendo que através da exploração discursiva, os três principais eixos sejam trabalhados como um conjunto de ações e condutas para a autodisciplina da sexualidade de cada aluno.

9- Como você define a sexualidade e como ela se diferencia de sexo?

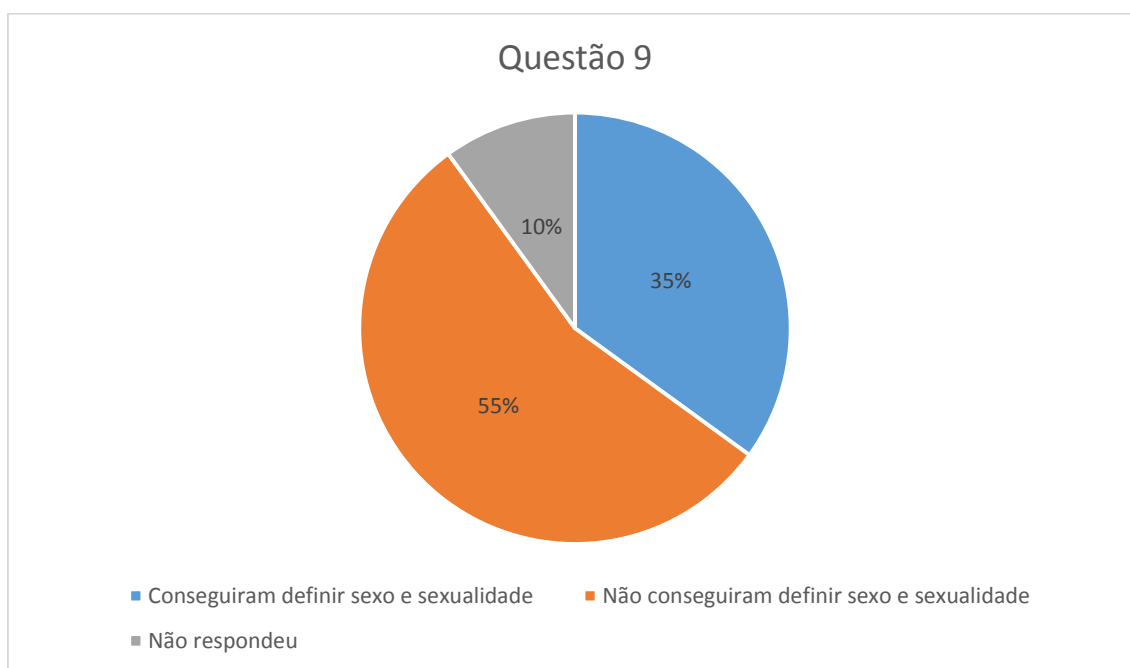


Gráfico 9 – Questão 9

Essa é uma questão de grande importância para o processo de orientação sexual, que não será possível se não houver discernimento entre sexo e sexualidade, no qual o professor estará propenso a julgar e cometer equívocos a comportamentos e situações na rotina escolar que exigirão dele, uma postura e ações coerentes sobre o tema.

Assim, se faz preciso entender a sexualidade e seu conceito dentro do funcionamento dos elementos sociais que à constituem dentro do processo pedagógico dos educadores, no qual é de suma importância, analisar a temática revendo o entendimento das crianças como seres puros, não possuintes da sexualidade que muitas vezes não são esclarecidas sobre o tema, assim por meio de normas e vigilância, a sociedade tenta a todo custo controlar.

Educação sexual refere-se aos processos culturais contínuos, desde o nascimento, que, de uma forma ou outra, direcionam os indivíduos para diferentes atitudes e comportamentos ligados à manifestação de sua sexualidade. Esta educação é dada indiscriminadamente na família, na escola, no bairro, com amigos, pela televisão, pelos jornais, pelas revistas. É a própria evolução da sociedade determinando os padrões sexuais de cada época e, conseqüentemente, a educação sexual que será levada ao indivíduo. Orientação sexual refere-se a uma intervenção institucionalizada, sistematizada, organizada e localizada, com a participação de profissionais treinados para este trabalho (RIBEIRO, 1990, p.2-3).

Nesse caso, o termo orientar requer domínio e preparo acerca do tema, na função de transmitir não algo concreto, mas aspectos que influenciem e deem aos alunos caminhos e opções a se pensar e reconstruir. Porém o que se percebe é que as manifestações sexuais que ocorrem nas escolas, só demonstram cada vez mais o despreparo e as dificuldades que a maioria dos professores (as) possuem ao tratarem a temática sexualidade em seu cotidiano. Querendo ou não, a escola transmite todos os dias, palavras, cenas, gestos, imagens referentes à sexualidade, e apesar disso, não sabem muitas vezes nem o significado do tema. O termo sexualidade possui significados distintos conforme o lugar que é citado (RIBEIRO 1990).

Educar sexualmente é orientar a criança para que consiga passar pelas fases decorrentes de sua sexualidade de maneira que sua vida afetiva também se desenvolva de forma sadia, criando segurança e clareza do indivíduo com ele mesmo. Aspectos esses que a sociedade deixa por não dito ao acreditarem que muitas vezes não é direito do indivíduo conhecer sobre seu corpo e sua sexualidade, tendo maiores compreensões desses feitos que são tão importantes para sua formação integral.

Esse motivo faz da escola o lugar ideal para romper essas fronteiras cuja sociedade impõe, afinal, vive-se numa sociedade em que a sexualidade é exposta na televisão, na música, na moda, na internet, e sendo assim, jovens e crianças precisam aprender a conviver com esse tipo de situação com respeito, esclarecimento e responsabilidades. Mas para tanto, esses indivíduos precisam ser preparados e explanados acerca de suas dúvidas. Apesar disso, o lugar em que sentirão conforto e segurança para isso será a escola, que por sua vez não estando preparada para receber e responder essas questões poderá acarretar conseqüências grandes na vida de seus alunos.

[...] as consequências da ausência de informações sobre a sexualidade podem ser claramente sentidas em nossa sociedade, em que a liberdade de expressão é exercida quase na sua totalidade e a sexualidade é mostrada na televisão e em folhetins de forma fragmentada e frequentemente deturpada. Assim, é inconcebível que o tema não seja tratado de forma sistemática, consciente e responsável na escola (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p.40).

É preciso uma reflexão atual do tema, visando diversos aspectos como a singularidade de cada pessoa, a inserção cultural, abastar informações e promover espaços para questionamentos a respeito do tema, esclarecimentos sobre a repressão social existente quanto a sexualidade, destaque ao aspecto cultural e social do termo, ajudando e fornecendo conteúdos que passem as pessoas uma visão positiva da sexualidade. Para Figueiró (2006, p.38), isso não ocorre devido aos seguintes aspectos:

“Posição marginal na qual esteve e ainda está colocada a educação sexual, e tem sido caracterizada por diversas formas:

- Não é considerada uma questão prioritária na educação escolar;
- Não é colocada em prática na maioria das escolas brasileiras;
- É praticada em um número restrito de escolas, por iniciativa de alguns professores, isoladamente;
- É praticada em algumas escolas de rede pública, por iniciativa, principalmente, de órgãos oficiais da educação ou da saúde, as quais depois de um pequeno número de anos, interrompem o apoio efetivo;
- É criticada por uma parcela pequena, porém efetivamente significativa de professores e elementos da comunidade como um trabalho não da escola, mas da família”.

Todo esse processo é baseado no conjunto de pessoas através de um diálogo, ou seja, a união das famílias com a escola em uma função de cidadania, visando à construção de valores, identidades, das relações e saberes, do conhecimento sobre os corpos e os sentidos de cada um, de forma contínua e renovadora.

A discussão sobre a sexualidade (ampla, histórica e social) deveria ser imperativa entre pais, educadores e profissionais. Porque, nessa relação educativa, as pessoas vão lidar com as questões da sexualidade humana, valores, concepções e preconceitos que devem, constantemente, ser refletidos e questionados em todas as instâncias sociais, como a família, a escola, a igreja, o direito (legislação) e os meios de comunicação em massa, almejando um processo de educação sexual emancipatório, que torne possível às pessoas atingir a utopia da liberdade em uma sociedade repressiva (MAIA, 2006, p.14).

É importante que a escola deixe de ser um espaço de repressão e opressão quanto à sexualidade, e se torne um ambiente aberto para a liberdade e segurança de aprendizagens e dúvidas referentes a qualquer tema, no qual qualquer pessoa possa participar e formar ou mudar opiniões acerca do que lhe é oferecido. Não há mais como deixar a sexualidade passar despercebida ou ser vista com indiferença, imoralidade ou falta de respeito.

Educar cedo. Pois a sexualidade leva um longo tempo para amadurecer. Desta forma podemos amenizar a situação pois, para resolver é necessário mais que isso, é necessário voltarmos nossas atenções para os fatores sociais, políticos econômicos e assim realmente fazer valer a educação (SOUZA, 1991, p.45).

Educar vai além de informações, abrange o envolvimento de aprendizagens em que a relação aluno-professor gerem sentido para ambos, no qual o espaço escolar seja um lugar responsável por incentivar reflexão e criticidade em sujeitos que se tornem capazes de superar os grandes desafios da realidade social.

10- Qual o conhecimento que você possui sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais, quanto a Orientação Sexual. E como faz para trabalhá-la no cotidiano escolar, perante as dúvidas dos alunos?

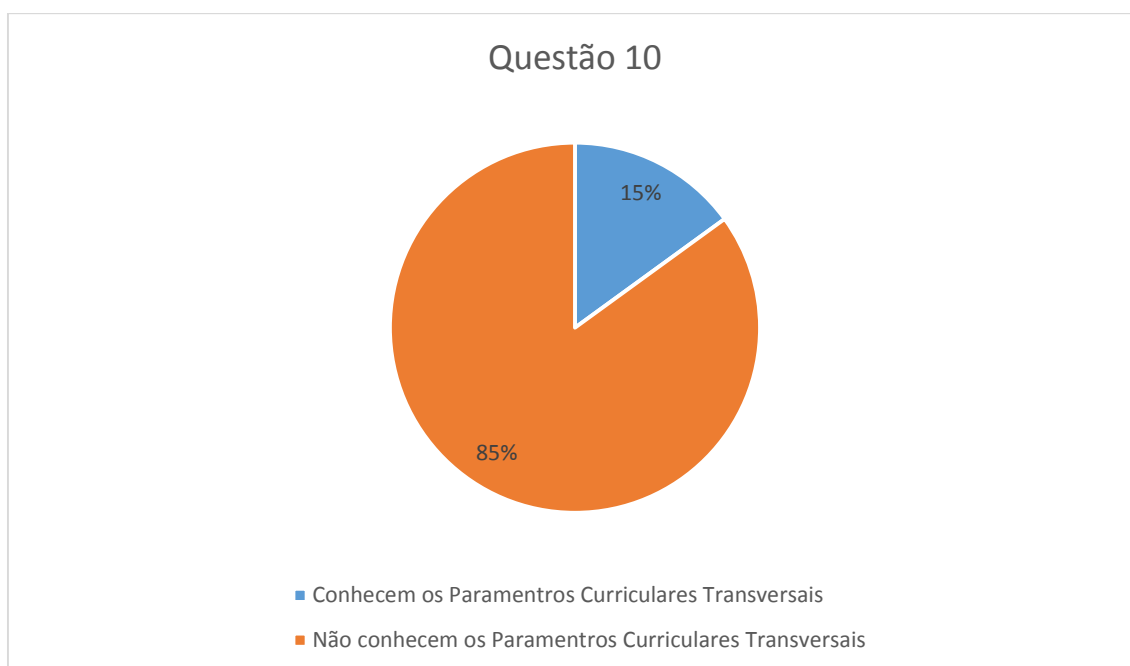


Gráfico 10 – Questão 10

Conforme as informações do gráfico, boa parte dos professores entrevistados mostram com bases em suas respostas, não terem conhecimento sobre os PCNs e suas diretrizes nele proposta. E ao se tratar do tema sexualidade, jogam a responsabilidade para o professores de ciências e biologia, ou acreditam que orientação sexual para os PCNs, seja trabalhar o sistema reprodutor.

Os parâmetros curriculares (PCN's) orientam as escolas a trabalharem sexualidade desde o ensino fundamental como tema transversal, ou seja, que ela seja responsabilidade de todas as disciplinas. Entendendo que a sexualidade tem um papel importante na vida das pessoas, pois contribui para o desenvolvimento em várias áreas.

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois, além da sua potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental das pessoas. Manifesta-se desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento humano, sendo construída ao longo da vida. Além disso, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito. Indissociavelmente ligado a valores, o estudo da sexualidade reúne contribuições de diversas áreas, como Educação, Psicologia, Antropologia, História, Sociologia, Biologia, Medicina e outras. Se, por um lado, sexo é expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais), a sexualidade, entendida de forma bem mais ampla, é expressão cultural. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998, p.295).

Nesse caso, é entendido que há uma necessidade de um maior aprofundamento nas propostas dos PCNs, se tratando dos temas transversais a respeito da sexualidade, no qual seja envolvidos toda a escola em questões de importância social.

O tema Orientação Sexual não tem apenas um caráter informativo, como sugerem os PCNs, mas sobretudo um efeito de intervenção no interior do espaço escolar. Concebido como tendo uma função transversal que atravessa fronteiras disciplinares, ele se dissemina por todo campo pedagógico e funciona de forma a expandir seus efeitos em domínios dos mais heterogêneos. Os PCNs incitam a escola a, através de práticas pedagógicas diversas, construir e mediar a relação do sujeito consigo mesmo, de modo a fazer com que o indivíduo tome a si mesmo como objeto de cuidados, alterando comportamentos. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS 1998 p. 584)

Por meio disso, a escola e os professores em geral, tem como função a transmissão dos conteúdos formais, científicos e históricos sobre sexualidade, no qual

orientem os indivíduos a serem cidadãos críticos, criativos e esclarecidos quanto as suas aprendizagens em qualquer conteúdo, independentemente de sua idade em questão. Uma boa orientação tem o poder de influenciar e educar mentes, por isso é imprescindível que o professor dialogue com seus alunos quantos as suas dúvidas e ideologias acerca de temas como sexualidade.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao findar nossa pesquisa percebemos que ainda há muitas indagações sobre a sexualidade, devido a sua complexidade e amplitude. O objetivo foi trazer com a pesquisa uma reflexão para uma melhor compreender o posicionamento da escola dando ênfase ao professor segundo a postura profissional como orientador sexual na vida de seus alunos, sabendo que está envolvida não somente no ambiente escolar, mas também fora dele.

A sexualidade com base nas pesquisas realizadas é excepcionalmente associada ao sexo, segundo a maioria dos professores, no qual poucos a percebem como algo inerente ao ser humano presentes nas diversas manifestações aparentes no modo de sentir, pensar e direcionar o próprio corpo. Seu significado é tão amplo que não envolve somente o individual, mas está inteiramente ligada a aspectos sociais, culturais e biológicos.

Sendo assim, a escola passa a ser um local apropriado para desenvolver o tema, já que possibilita a socialização e a convivência entre os alunos, cujo o professor torna-se de extrema importância no papel de orientação sexual, pois será ele o mediador entre os alunos e o conhecimento crítico a ser desenvolvido neles.

Atualmente com a liberdade de expressão e a influência da mídia perante a sociedade, torna-se preciso que o professor tenha recursos para lidar com as manifestações sexuais, que variam desde uma simples curiosidade a necessidade de cuidados com o próprio corpo. MAIA (2004), explica que para esses recursos serem acessíveis, o professor precisa investir numa formação continuada, para se preparar conseguindo promover em seus educandos uma transformação referente a preconceitos e tabus quebrando os paradigmas existentes, por meio de conversas emancipadoras que possibilitem ao educando tirar suas dúvidas, conhecer e respeitar seu corpo e os prazeres que ele proporciona.

A pesquisa também nos possibilitou perceber que como defesa, parte dos professores utilizam o argumento de que orientação acerca da sexualidade é responsabilidade das disciplinas de Ciências e Biologia, ou simplesmente que deveria haver nas escolas, profissionais da saúde, que debatessem e questionassem o tema com os alunos, pois não conseguem perceber e diferenciar sexualidade de sexo, no qual acreditam que essa orientação se propõe apenas para a capacidade reprodutiva,

ou afirmam que discutir o tema poderia aforar em seus alunos a sexualidade fora de hora.

Referente a isso, NUNES (2000), acredita que a partir do momento em que se reprime a curiosidade da criança é possível acarretar conflitos emocionais e sexuais em sua vida adulta, tornando-se necessário educar sexualmente desde cedo, pois não será possível desenvolver neste indivíduo criticidade e respeito sobre sexualidade depois de adulto.

Assim, mais uma vez é apresentada a responsabilidade que o professor independente da sua disciplina possui quanto a orientação sexual, pois poderá contribuir de forma positiva ou negativa na formação da identidade e opinião que naturalmente se desenvolverão nos alunos. Contudo, a educação sexual apresenta muitos desafios a serem superados no cotidiano escolar, exigindo mais do que nunca uma postura reflexiva e crítica de todos os envolvidos neste processo educacional, tornando-se a resposta referente a muitos conflitos sociais para com a formação integral do indivíduo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIES, Philippe. DUBY, Georges: História da vida privada 2: da Europa Feudal Renascença. São Paulo: ed. Companhia das Letras, 2009.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural, orientação sexual. / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1997, 164 p.
- BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais. Brasília: MECSEF, 1998. Vol: 10
- DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento**: metodologia científica no caminho de Habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994. Metodologia do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2000.
- FIGUEIRÓ, M.N. D. O professor como educador sexual: Interligando formação e atuação profissional. In: PAULO RENNES MARÇAL RIBEIRO. Sexualidade e educação: Aproximações necessárias. São Paulo: Arte e Ciência, 2004
- FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Formação de Educadores Sexuais**: adiar não é mais possível. Campinas: Mercado das Letras; Londrina: EDUEL, 2006. (Coleção Dimensões da Sexualidade).
- FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Formação de Educadores Sexuais**: adiar não é mais possível. Campinas: Mercado das Letras; Londrina: EDUEL, 2006. (Coleção Dimensões da Sexualidade).
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre uma teoria da sexualidade. In: FREUD, S. Obras completas. Buenos Aires: Amorrortu, 1996. vol. VII
- GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano Editora, 2002. Série Pesquisa em Educação, v. 1.
- GUIMARÃES, I. Educação sexual na escola: mito e realidade. Campinas: Mercado das Letras, 1995.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. 2. Ed. São Paulo, Atlas, 1990, p. 12, 17.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003

- MAIA, A.C. B. Orientação Sexual na escola. In: PAULO RENNES MARÇAL RIBEIRO. Sexualidade e educação: Aproximações 2006.
- MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Sexualidade e educação sexual: questões sobre a repressão.** In: MAIA, A. C. B.; SANTOS, B. R.; SEQUEIRA, C. M. (Orgs.). **Infância e Adolescência** em Perspectiva. São Paulo: Prefeitura de São Vicente,
- MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados.** 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- MELO, S. M. M. O invólucro perfeito: paradigmas de corporeidade e formação de educadores. In: PAULO RENNES MARÇAL RIBEIRO. Sexualidade e educação: Aproximações necessárias. São Paulo: Arte e Ciência, 2004.
- Necessárias. São Paulo: Arte e Ciência, 2004.
- NUNES, César Aparecido. Desvendando a Sexualidade. 5.ed. Campinas: Papirus, 1987.
- NUNES, César Aparecido. Desvendando a sexualidade. Campinas, SP, Papirus, 1987.
- Pedagogias da Sexualidade. In O corpo Educado: pedagogias da sexualidade. Gracira Lopes Louro. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- RIBEIRO, P. R. M. (Org.). Sexualidade e educação: Aproximações necessárias. São Paulo: Arte e Ciência, 2004.
- RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Educação Sexual além da Informação.** São Paulo: EPU, 1990.
- SEIXAS, Ana Maria Ramos: Sexualidade feminina. História, cultura, família- Personalidade & psicodrama: São Paulo: ed. SENAC São Paulo. 1998.
- SOUZA, H. P. Sexo, energia presente em casa e na escola. São Paulo: Paulinas, 2002
- SOUZA, Hália P. de. **Convivendo com seu sexo:** pais e professores. São Paulo: Editora Paulinas, 1991.
- SPITZNER, Regina Henriqueta Lago. Sexualidade e Adolescência: Reflexões acerca da Educação Sexual na escola. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá
- TONATTO, S; SAPIRO, C. M. Os novos parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual uma proposta de intervenção em ciências.
- WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a Sexualidade. In: O corpo Educado: pedagogias da sexualidade. Gracira Lopes Louro. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

WEREBE, M. J. G. Sexualidade, Política, Educação. Campinas/SP: Autores Associados, 1998. Referencias

## APÊNDICES

### Apendice A – Autorização de Entrevistas

#### CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO COMO COLABORADOR DE PESQUISA

Eu, \_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_,  
abaixo assinado, concordo em particular do estudo intitulado, como sujeito colaborador. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelas pesquisadoras Andréia Cordeiro de Santana e Taynara Gomes da Silva Rodrigues, dos procedimentos nela envolvidos, assim como, dos benefícios decorrentes da minha participação. Foi me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso me leve a qualquer penalidade.

Local e data: \_\_\_\_\_

---

ASSINATURA DO SUJEITO COLABORADOR DA PESQUISA

## **Apendice B – Registro de Entrevistas**